

CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA GEOGRAFIA

LÍVIA DE OLIVEIRA

Tese de Doutorado apresentada
à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da U
niversidade de Campinas.

1967

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
Biblioteca Central

A meu pai,
que despertou em mim
o anseio de conhecer a natureza.

A minha mãe,
que orientou o meu
interêsse pelo ensino.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	1
1ª parte: O ENSINO DA GEOGRAFIA	3
I- Visão histórica da Geografia	3
II- O ensino da Geografia	8
O aluno em contacto com a Geografia	10
A Geografia como conhecimento	11
Como ensinar a Geografia	13
III- Retrospecto do ensino da Geografia no Brasil, particularmente em São Paulo	17
2ª parte: LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO DO ENSINO DA GEOGRA- FIA EM ESCOLAS DE GRAU MÉDIO	25
I- Introdução	25
II- Objetivo	26
III- Procedimento	26
IV- Resultados	29
V- Conclusões	33
Anexos	35
3ª parte: SUGESTÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA	50
I- Sugestões para o ensino da Geografia no curso primário	50
II- Sugestões para o ensino da Geografia no curso médio	54
III- Considerações finais	65
BIBLIOGRAFIA	67

INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia, desde há muito, tem sido objeto de nossa reflexão e do nosso trabalho. Procuramos refletir sobre os processos didáticos empregados no ensino da Geografia e suas implicações teóricas, não apenas para tentar explicá-los, mas para conhecer e apreciar a validade e utilidade deles. Trabalhamos, como professor secundário de Geografia, procurando sempre observar e reunir fatos sobre os problemas do seu ensino, e principalmente tentando interpretar esses fatos, através da evolução do conhecimento geográfico e do ensino da Geografia, entre nós. Nossa preocupação sobre os problemas referentes ao ensino da Geografia, nos conduziu a um levantamento da sua situação entre nossas escolas de grau médio.

Não dispomos de todos os elementos que seriam necessários para a solução dos problemas por nós encontrados, mas isto não nos impede de aqui apresentar nossa contribuição ao ensino da Geografia, que é o resultado de muitos anos de reflexão e trabalho.

Esperamos que a nossa contribuição venha de encontro às aspirações daqueles professores, que continuamente estão procurando conhecer a Geografia, em seu conteúdo moderno e trabalhar para melhorar o seu ensino. Desejamos, também, que este trabalho se torne estímulo e reforço aos professores de Geografia em geral, para que, procurando focalizar suas reflexões e guiando suas investigações, possamos juntamente encontrar soluções brasileiras para os nossos problemas de ensino.

Aguardamos, ainda, que a nossa contribuição seja para as autoridades em educação, uma fonte de conhecimento do papel da Geografia, no currículo escolar, e da situação do seu ensino, entre nós, a fim de que reformulem normas e regulamentos, que acertadamente orientem e redistribuam os programas de Geografia, em nossas escolas de grau médio.

Agradecimentos

Desejamos agradecer à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que nos possibilitou este estudo, através da oportunidade de nossas atividades docentes, na Cadeira de Didática Geral e Especial.

Agradecemos, também, ao Professor José Furtado Pisani,

que nos auxiliou na parte referente ao levantamento da situação do ensino da Geografia.

A nossa gratidão às professoras Maria Cecília Oliveira Micotti, Dair Aily, Zoraide Argüello, Jacyra Godoy Pupó, que muito nos ajudaram na execução deste estudo.

À professora Maria Aparecida Bilac Jorge, pela revisão dos originais.

Finalmente, o nosso reconhecimento ao Professor Dr. José Ribeiro de Araujo Filho, nosso mestre, nosso orientador e nosso amigo.

1ª parte

O ENSINO DA GEOGRAFIA

I - VISÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA

O conhecimento geográfico tem suas origens nos primórdios da humanidade. No momento em que o primeiro homem precisou sair de seu abrigo em busca de alimento e de água e, conseqüentemente, teve que "prestar atenção" no caminho seguido para evitar que se perdesse, nesse instante nasceu o conhecimento geográfico e a sua necessidade. Dêsse "prestar atenção" inicial, da observação dos detalhes para poder compreender o conjunto do meio que o rodeava, surgiu a orientação e a localização. O conhecimento geográfico do quadro físico, com sua aplicação imediata, levou o homem a tentar representar, embora rudimentarmente, êsse quadro, relacionando sua morada com as fontes de água, com pontos ricos em caça e com moradias dos grupos humanos das vizinhanças.

Provavelmente com o conhecimento geográfico deve ter surgido, como conseqüência natural, a transmissão dêsse conhecimento. Necessariamente, por questão de sobrevivência, êsses homens tiveram que ensinar o caminho e a localização dos pontos vitais aos demais membros do grupo. Então, o conhecer e o transmitir o conhecimento devem ter surgido concomitantemente, de uma mesma necessidade e com as mesmas finalidades. Êsse conhecimento, entretanto, não tem características de ciência, restringe-se apenas a conhecer, como decorrência da necessidade de saber como encarar uma situação e resolvê-la.

Os grupos humanos estabeleceram relações de trocas, tanto econômicas como culturais e nesses contactos foram ensinando os seus caminhos e os seus meios de conhecer a paisagem que os rodeava. Quando os homens se fixaram e construíram casas, uma ao lado das outras, iniciando os aglomerados humanos, comunidades mais complexas, o seu conhecimento geográfico já estava mais amplo. Assim, podemos dizer que o conhecimento geográfico surgiu com a humanidade de forma não sistemática.

Com os gregos, aparecendo a sistematização do conhecimento humano, o simples conhecer se transforma num conhecer científico, passando a Geografia a fazer parte da Matemática e da Astronomia. A finalidade do conhecer geográfico é a mensuração da Terra e a procura das relações dêste planêta com todo o Universo. Há, porém, estudiosos, já na antiga Grécia, que em suas viagens ten

taram descrever as paisagens e as diferenças e semelhanças nelas encontradas. Aparece pela primeira vez o termo Geografia para indicar a parte do conhecimento humano que se preocupa com todos os aspectos descritivos da Terra. O vocábulo é consagrado e usado em todas as línguas até hoje, mas o seu conceito evolui através da história da humanidade, persistindo a característica de localização e representação desses aspectos físicos. Portanto, é na Grécia que surge pela primeira vez a preocupação em sistematizar o conhecimento geográfico.

No entanto, entre as grandes civilizações orientais, a preocupação para conhecer os componentes do mundo físico foi preterida pelo conhecimento do universo com a sua imensidão de astros. A Astronomia surge com toda base matemática e o conhecimento geográfico não se desenvolve, mas nem por isso a necessidade de localização perde o seu valor; pelo contrário, as caravanas que percorriam os desertos e os rios, continuaram usando e transmitindo o que conheciam de povos, cidades e caminhos percorridos, de forma não sistemática. Clozier (1960)

Durante o período medieval, a Geografia permanece como parte da Matemática e encontramos vários relatos de viagens, alguns descritivos e outros fantasiosos. Na Renascença, com os grandes descobrimentos, amplia-se extraordinariamente o horizonte geográfico, graças às grandes invenções.

Primeiramente o homem descobre novas terras e, em seguida, passa a explorar os seus recursos, e somente depois procura investigá-las em suas particularidades. Assim, quando as grandes descobertas atingem o seu máximo, e a exploração do interior dos continentes se desenvolve, e se inicia a investigação, o conhecimento geográfico se torna científico. Até então, o mundo conhecido pelos povos antigos do Ocidente não apresentava grande variedade de clima, de cobertura vegetal, de formas de relevo, de atividades econômicas, etc. Entretanto, as grandes navegações e as grandes descobertas revelaram regiões diferentes e similares, e novamente os homens se defrontaram com uma situação de incerteza e procuraram saber como encará-la, encetando, um novo conhecer, dessa face do mundo só agora revelada. É a fase de descobrimento.

Inicialmente percorreram as costas e, aos poucos, a curiosidade incontida os levou a penetrar no interior dos continentes, desbravando terras desconhecidas. As vezes são motivados por razões religiosas, mas na maioria são as necessidades econômicas que impelem os homens cada vez mais para a conquista de novas ter

ras. É o período de exploração.

A partir do início do século XIX, quando quase todos os continentes já haviam sido descobertos e os oceanos navegados, é que o campo e o objeto da Geografia foram descortinados. A ciência geográfica aguardava apenas estudiosos interessados em observar e principalmente em relacionar os fatos ocorridos na superfície terrestre. Aparece, então, a figura ímpar de Alexandre von Humboldt com grande base em filosofia e ciências naturais e o que não se pode desprezar, com facilidades financeiras, que permitiram suas viagens de pesquisa. Humboldt percorreu regiões tropicais, semi-áridas, montanhosas e planas de parte da América Central e do Sul, coletando material, registrando fenômenos e procurando relacioná-los. Após esse árduo período de trabalho de campo, publicou a sua monumental obra "Kosmos", base científica para o conhecimento geográfico, que embora datando de milênios, somente com ele se inicia como ciência. Tatham (1957)

Ao lado de Humboldt, surge o vulto de Karl Ritter, que também possuía formação filosófica e se dedicava à História. Ritter frequentou escolas de sistemas educacionais renovados, o que muito influenciou a sua formação como geógrafo. Procurando encontrar a presença da existência divina, estudou o homem relacionado com a natureza. Ritter ocupou a primeira cátedra de Geografia, na Universidade de Berlim, fundada por Wilhem von Humboldt. Tatham (op. cit.)

Em fins do século XIX, vão surgir outros nomes de destaque na Geografia. Ratzel que se preocupou mais com os fatos humanos, Richthofen com os físicos e Hettner, com os aspectos metodológicos. Na França, sob a orientação de Vidal de La Blache, se iniciam os estudos universitários de Geografia e desde então, hum crescendo cada vez mais produtivo, tais estudos vão constituir o que hoje denominamos de Escola Francesa de Geografia. Como vimos, a ciência geográfica surgiu na Alemanha, no início do século passado, e seus grandes vultos foram estudiosos dos mais destacados da época, proporcionando-lhe bases sólidas e científicas, o que, sem dúvida, veio valorizar a Geografia.

Com o aparecimento e desenvolvimento, tanto das ciências naturais como das humanas, a Geografia foi esboçando e por fim delimitando o seu campo, seu objeto e o seu método.

Para a Geografia moderna, o seu objeto de estudo é o fato geográfico que se apresenta complexo e heterogêneo, dada a sua natureza, constituída de elementos físicos e humanos. O fato geo-

gráfico revela sempre uma combinação de fatores e elementos, os mais variados. Assim, a Geografia procura estudar a paisagem na sua complexidade real, sem dividi-la. A Geografia se preocupa com as relações entre o homem e a Terra, encarando a Terra como morada do homem. Ao preocupar-se com a Terra, procura analisar tôdas as atividades humanas através dos arranjos que os grupos humanos fazem na natureza. O geógrafo focaliza o seu estudo num ângulo que lhe permita observar o fato geográfico, em tôda a sua variedade e riqueza de elementos. Cholley (1952)

O fato geográfico, que é o objeto de estudo da ciência geográfica, ocorre na superfície terrestre que irá constituir o seu campo. Mas, em Geografia, o conceito de superfície terrestre tem um sentido amplo, isto, porque o seu campo se estende em latitude, longitude e altitude. Para localizarmos e explicarmos, qualquer fenômeno estudado geograficamente, necessitamos dessas três dimensões. Além disso, faz-se necessário acrescentar a dimensão tempo, pois devemos remontar até um determinado período no passado, que nos possa explicar o fato geográfico que nos propomos estudar.

O fato geográfico, sendo o objeto da Geografia, é estudado na superfície terrestre que é seu campo, não traz originalidade à ciência, pois o seu objeto é constituído de fenômenos que são objetos de outras ciências naturais ou humanas. O objeto da Geografia não lhe é próprio, o mesmo acontecendo com seu campo, pois a superfície terrestre é também campo de outras ciências, tais como a Geologia, Meteorologia, Hidrologia, Sociologia, Política, Economia, etc. Mas, uma ciência não se define apenas pelo seu objeto e campo, mas também por seu método. O método geográfico é original e próprio da Geografia. Estudamos os mesmos fenômenos, no mesmo campo das demais ciências, mas estudamos de maneira diferente. Portanto, o como estudamos é que dá originalidade à Geografia.

O método é o caminho, através do qual procuramos atingir o objeto em estudo. O método geográfico é a via de acesso até o fato geográfico. Esse método preocupa-se com certos princípios que vão orientar os pesquisadores e estudiosos da ciência geográfica. Quando utilizamos o método geográfico, estamos aplicando uma combinação dos princípios de localização, extensão, da analogia e da causalidade. Já em 1925, De Martonne, em seu *Traité de Géographie Physique Générale*, chama a atenção dos geógrafos para a aplicação desses princípios do método geográfico, em seus estudos. Portanto, é o método que vai caracterizar a Geografia como ciência.

Como método científico, o método geográfico vai seguir as regras gerais, começando pela observação dos fatos, coleta de material para posterior análise de laboratório, registro dessas observações, mapeamento desses fatos e, finalmente, a síntese. Mas, na Geografia, ao estudar-se um fato, pode-se utilizar a abordagem geral e a regional. A abordagem regional é a que estuda as combinações num determinado espaço territorial limitado; enquanto que a abordagem geral focaliza a origem dessas combinações, isto é, como se combinam esses elementos e fatores e porque ocorrem aqui e não acolá. Tanto num estudo geral como regional, do fato geográfico, o que vai caracterizar esse estudo é a aplicação dos princípios do método geográfico. Se o fato geográfico não for localizado, distribuído, comparado, se não forem procuradas as suas causas e tentada a sua generalização, correremos o risco de não estar fazendo Geografia e sim, outra ciência natural ou humana. Cholley (op.cit.

Assim, segundo Cholley (op.cit.), não podemos ter mais do que duas Geografias: a Geografia Regional que se propõe estudar e explicar as combinações na superfície terrestre e a Geografia Geral que se coloca acima dos casos regionais para considerar a estrutura dos fatores e dos elementos que concorrem para essas combinações. A Geografia Geral, por sua vez, encontra-se dividida em Geografia Física e Geografia Humana, que estudam a estrutura dos fatores e elementos físicos e humanos respectivamente.

Esta divisão da Geografia em Geral e Regional é aceita por todos os geógrafos, porque decorre do método que lhe é próprio. O fato geográfico se apresenta uno e, portanto, não é possível dividi-lo em físico e humano.

Precuramos salientar essa divisão da ciência Geografia, porque mais adiante relacionaremos este assunto com o ensino.

II - O ENSINO DA GEOGRAFIA

Para focalizar o ensino da Geografia, é preciso considerar o papel por ela desempenhado na vida atual e como parte integrante do contexto educacional.

Todos nós necessitamos, atualmente, para ler um jornal, uma revista, assistir a uma projeção cinematográfica, enfim para fazer parte deste mundo tumultuado de conferências, tratados e pactos, ter um conhecimento mínimo de Geografia. Nesta época de meios rápidos de comunicação entre os homens, torna-se necessário conhecer fatos essenciais dos países, das cidades, dos povos, de todo o mundo. Mas não basta saber localizar o fato geográfico, é preciso também, saber evocar êsse mesmo fato com o que êle possui de peculiar ou de semelhante com outros já conhecidos. Além disso, há profissões que necessitam especificamente de certos conhecimentos geográficos, tais como engenharia, agronomia, economia, diplomacia, etc.

Este conhecimento de interêsse prático, necessário a todos os indivíduos e cidadãos, constitui os objetivos informativos do ensino da Geografia. Portanto, a Geografia, não só será ensinada para dar uma informação geral do mundo para todos os homens, mas também a certos homens em particular, para que possam desempenhar suas funções satisfatoriamente. Tulippe (1954)

Para atingir êsses objetivos, o conhecimento geográfico é transmitido através da observação dos fatos físicos e humanos. Essa observação levará ao desenvolvimento da imaginação, da memória e do raciocínio. A evocação de paisagens geográficas de regiões diversas leva o aluno a um contínuo esforço de imaginação, baseado nas imagens observadas direta ou indiretamente. Através das descrições, e das explicações dos fatos, o aluno formará uma visão do mundo. Em Geografia, como em outras disciplinas, é necessária a retenção de uma nomenclatura mínima de uso corrente, para tratar com os assuntos em estudo. Por outro lado, o raciocínio desempenha papel preponderante na elaboração do conhecimento geográfico, uma vez que através d'êle é que se estabelecem as relações entre os fatos da natureza e os fatos humanos, fazendo a correlação quer sistemática, quer regional. Na busca das causas dessas relações e na explicação do arranjo da paisagem pelo homem, vai residir a maior contribuição da Geografia para a educação intelectual dos adolescentes.

Quanto aos objetivos formativos, o ensino da Geografia

se propõe contribuir para a formação da personalidade dos adolescentes para que possam atingir a plenitude de suas vidas. A Geografia irá auxiliar o desenvolvimento intelectual, estimulando a observação analítica e crítica dos fatos geográficos, a dedução das relações entre os elementos que constituem êsses fatos e a investigação de suas causas.

A Geografia também vai formar atitudes nos alunos, pois dando conhecimento real dos problemas da nação, estará contribuindo para uma cidadania esclarecida e crítica. O momento atual, com suas implicações humanas, sociais, políticas e econômicas, exige de nossos adolescentes uma reflexão crítica sobre a situação e suas possíveis soluções. Além de uma cidadania específica, devemos formar o cidadão do mundo. A Organização das Nações Unidas, através da UNESCO, tem feito apêlo aos professores de Geografia para que formem atitudes em seus alunos para uma maior compreensão internacional UNESCO (1952). Com o desenvolvimento, em ritmo acelerado, da técnica, as comunicações tornaram-se mais rápidas e as distâncias mais curtas e com isso somos vizinhos de todos e o conceito de fronteira já não é o mesmo de algumas décadas atrás. Essa atitude de ver o mundo como morada do homem, é a Geografia que tem maior responsabilidade em formar nos adolescentes.

Além disso, a Geografia vai desenvolver certas habilidades nos alunos, que também serão úteis para as outras matérias. A leitura de cartas, o uso de atlas são habilidades que somente a Geografia pode desenvolver e que serão de interesse em tôdas as matérias. Ser capaz de ler uma carta, e compreender a linguagem cartográfica mais simples, é uma habilidade necessária a todo indivíduo ou cidadão. Todos nós viajamos, por necessidades profissionais ou por turismo, e há muitas profissões que lidam com cartas no seu trabalho; daí decorre uma das contribuições que só a Geografia pode dar.

Além dessa habilidade desenvolvida especificamente pela Geografia, há outras como o manuseio de aparelhos para medir temperatura, vento, pressão, altitude, etc. que juntamente com a cadeira de Ciências, a de Geografia utiliza e ensina aos alunos. A confecção de bloco-diagramas, de tabuleiros de areia, de croquis, de perfis, de gráficos, é outra habilidade que exige contribuição de outras matérias como Trabalhos Manuais, Matemática, Português, Ciências, Desenho, etc. fazendo com que o conhecimento não seja fragmentado ao ser transmitido, para que a imagem real seja a mais verdadeira possível, na mente dos adolescentes.

Até agora vimos o papel da Geografia na vida atual e sua situação no contexto educacional. Mas, para têmos uma visão completa do ensino de qualquer área do conhecimento, é preciso abordar o problema em suas três dimensões: aluno, conhecimento e ensino no próprio dito.

O ALUNO EM CONTACTO COM A GEOGRAFIA

A criança demonstra sempre um interesse natural pelo mundo que a rodeia. O seu contacto com o que é geográfico se inicia pela curiosidade do que lhe está próximo - seu quarto, sua casa, seu quintal, sua vizinhança. Na escola, através da leitura, o seu mundo se amplia e se enriquece e a sua curiosidade é orientada para lugares mais distantes e desconhecidos. O interesse da criança aumenta e se diversifica, pelo que é geográfico, quando acompanha seus familiares ou seus colegas de escola, em viagens de pequeno ou grande percurso. Durante êsses passeios ou excursões, a sua atenção sempre se dirige para a paisagem geográfica, observando os aspectos diferentes ou semelhantes do mundo que lhe é conhecido. As coleções, que em geral as crianças fazem, de objetos os mais diversos, também levam a um contacto com o mundo geográfico.

O contacto do aluno com a Geografia é, portanto, contínuo, tendo início na infância e perdurando por toda a adolescência e maturidade. Começa antes da escola e prolonga-se por toda a vida, isso porque sendo Homem, tem necessidade de procurar conhecer as relações que existem entre êle e a Terra, que é a sua morada. O fato geográfico, sendo complexo e heterogêneo, envolve todos os aspectos físicos e todas as atividades humanas, trazendo em si uma motivação duradoura e inesgotável para a informação e formação de nossos alunos.

O contacto da criança, com o que é geográfico, se processa de várias formas que se apresentam intimamente ligadas e dependentes.

A criança primeiramente observa o ambiente do qual ela faz parte atuante. Essa observação será direta, quando ela entra em contacto com os próprios fatos e indireta, quando observa a representação dêsses fatos. Da observação, vem a indagação. As perguntas surgem acerca de tudo o que desperta curiosidade e interesse, e por necessidade de obter uma resposta para resolver um determinado problema. Decorrente da indagação, aparece a busca da compreensão dos fatos. A observação direta facilita essa compreensão

são, enquanto que a indireta exige a abstração e oferece maior dificuldade. Observando, indagando e compreendendo, a criança é orientada na conceituação das coisas e por conseguinte dos fatos geográficos. Somente quando a criança forma uma idéia das coisas é que passa a relacioná-las. Inicialmente a relação é feita entre fenômenos simples, ou melhor, de uma maneira simples, para depois relacionar os fatos mais complexos. A relação geográfica só poderá ser atingida na adolescência.

Como vimos, a criança tem um interesse natural e espontâneo pelos aspectos geográficos, tem uma curiosidade pela localização dos lugares e um sentido de direção inato. Pelo que temos observado, esse interesse diminui com o correr dos anos. Onde estará a falha? Na educação familiar ou escolar? Seria importante investigar o desenvolvimento do interesse da criança pelo que é geográfico e averiguar quando e como esse interesse sofre diminuição. Seria o contacto com a Geografia, como disciplina, que levaria os alunos a arrefecerem a sua curiosidade? Em nossa pesquisa, que apresentamos na 2ª parte deste trabalho, procuramos corroborar nosso ponto de vista com um levantamento da situação da Geografia, em nossas escolas médias.

A GEOGRAFIA COMO CONHECIMENTO

O conhecimento geográfico sempre despertou interesse e ao mesmo tempo sempre foi de utilidade ao homem. No entanto, nem sempre na transmissão desse conhecimento foi devidamente valorizada a sua utilidade e interesse.

A Geografia como conhecimento surgiu da necessidade de orientação, localização e de relação geográficas e como curiosidade natural de conhecer os lugares ou compreender as paisagens. Debenham (1957).

O homem, em contacto com o mundo sempre faz indagações a respeito do mesmo. O que é isto ou aquilo? O que significa este fato? Onde se dá ou se encontra o fato? Por que ocorre aqui e não acolá? Como se processa o fato? Para respondermos a estas questões, é necessário fazer a relação entre os elementos físicos e humanos. Assim o homem constantemente tem necessidade de recorrer à Geografia para interpretar a distribuição dos fatos, correlacionar a vida humana com o meio físico do qual ela é um elemento ativo e explicar a interação dos fenômenos humanos e naturais.

Entretanto, no passado, a Geografia era encarada como

uma descrição e enumeração de fatos, numa ordem nem sempre lógica. Eram descritos os acidentes físicos, os aspectos climáticos, hidrográficos e em seguida os políticos e etnográficos. Essa descrição estática não fazendo relação com a paisagem natural e humana, que é essencialmente dinâmica, não despertava interesse e não apresentava utilidade. Era um conhecer enciclopédico, livresco, que não contribuía nem para o saber nem para a cultura dos indivíduos.

Na atualidade, o conhecimento geográfico, sendo científico, procura a relação dos fatos, tenta explicações das causas, interpreta e, mais ainda, aplica esse conhecimento para melhorar as condições da vida humana. Hoje em dia, a Geografia é aplicada e por isso de muita utilidade, bastando lembrar a sua participação nos levantamentos e nos planejamentos governamentais, em países como Israel, Grã-Bretanha, França, Bélgica, etc. George (1964)

A Geografia, como área de estudo nas escolas elementares e médias, tem um aspecto muito original, por ser a que estuda a realidade no seu conjunto. Ao estudarmos a paisagem geográfica, não podemos ignorar ou separar os componentes naturais dos humanos ou econômicos. A paisagem é uma parcela da realidade, mas comporta toda a complexidade e heterogeneidade do todo. Não sendo a Geografia uma ciência somente sistemática, mas também genética, e ainda mais, que estuda os fenômenos num determinado espaço, ela vai trazer para os alunos uma visão global do mundo.

A Geografia, ao estudar a realidade em seu conjunto, é a ciência natural que estuda o homem e a ciência humana que estuda a natureza. Isto, traz implicações na formação dos alunos, porque a Geografia, servirá de ponte, de liame entre as ciências naturais e humanas.

Vemos assim que a Geografia vai desempenhar no currículo escolar um papel que não pode ser substituído por nenhuma outra disciplina. O lugar que deve ocupar a Geografia é o de elemento de transição entre as ciências naturais e humanas. Pelo exposto, não podemos compreender, nem concordar com a Geografia sendo ensinada em apenas cinco séries das sete do curso secundário. Também não estamos de acordo em que faça parte dos Estudos Sociais, onde ela perde sua individualidade e seus objetivos, pois será ministrada juntamente com a História e suas finalidades serão outras. Desejamos deixar claro neste trabalho o nosso pensamento a respeito da posição que deve ocupar a Geografia no currículo escolar. A nosso ver, deveria ser ela ensinada em todas as

séries do curso ginásial das escolas secundárias, industriais, comerciais e agrícolas, e nos cursos colegiais. Isto porque o conhecimento geográfico é útil e necessário para todos os indivíduos e cidadãos. Os programas deveriam atender às necessidades dos alunos e dos cursos, necessidades essas já demonstradas anteriormente. Voltaremos a tratar deste problema na terceira parte do nosso trabalho.

COMO ENSINAR GEOGRAFIA

O ensino da Geografia, como de qualquer outra disciplina, deve basear-se num conteúdo atualizado de conceitos modernos e em práticas educativas também modernas. O conteúdo geográfico deve ser fundamentado em autores, reconhecidamente de valor científico, enquanto que o ensino deverá ser planejado e organizado como parte integrante de um currículo, que venha atender às necessidades dos alunos e da escola.

Há necessidade, por parte do professor, de uma atualização contínua da ciência geográfica, isto é, das suas novas descobertas, de seus novos métodos e conceitos. A Geografia, como ciência, tem evoluído num ritmo bastante acelerado nas últimas décadas, o que vai acarretar tanto para os geógrafos como para os professores, leituras, cursos, participação em assembléias e conferências, para estarem em dia com as últimas conquistas da ciência.

Como poderemos ensinar a Geografia, para que ela cumpra as suas finalidades na sociedade moderna?

Primeiramente integrando a disciplina Geografia no currículo escolar, isto é, entrosando-a com as demais matérias. Para isso, é preciso um planejamento geral da escola e particular da matéria. O planejamento deve ter em vista a articulação horizontal e vertical de todas as disciplinas, para que o conhecimento possa ser transmitido como um todo aos alunos e não em matérias estanques e isoladas. Renault (1957). Não nos compete, neste trabalho, traçar a coordenação das matérias num currículo.

O professor deverá fazer um plano de curso, correspondente a todas as séries em que será ensinada a Geografia, procurando distribuir a matéria de acordo com o nível psicológico dos alunos e com os objetivos desejados. No plano estarão previstas tanto as atividades docentes como discentes.

O ensino propriamente dito seria feito através da investigação de problemas do estudo dirigido, da realização de projetos

por equipes, enfim através da cooperação dos alunos. Não mais seriam fornecidos objetos e imagens prontas, mas os alunos seriam orientados na solução de problemas, construindo ativamente suas imagens. Os objetos seriam construídos, manipulados, trabalhados e ordenados de todas as maneiras possíveis. Os alunos elaborariam esquemas de ação variados aos quais pudessem recorrer quando tivessem necessidade. Neste caso não haveria só exposição e passividade, mas orientação e atividade. Aebli (1958)

A matéria poderá ser apresentada como problemas a serem investigados pelos alunos, que procurarão descobrir-lhes as causas. No caso da Geografia, Aebli (op. cit) sugere a apresentação de gravuras contrastantes, que despertem nos alunos o interesse na procura da explicação dêsse contraste. Essa investigação se processará durante as aulas do curso, através de trabalhos individuais e por equipes. Durante as aulas os alunos coletariam dados estatísticos para elaboração de gráficos, fariam leituras de cartas isoladas ou nos atlas. Portanto, haveria uma participação ativa de toda a classe, no processo de ensino.

No ensino da Geografia podemos agrupar as atividades em dois setores: no campo e na sala de aula. Debonham (op.cit)

No campo, é a observação direta da paisagem com todos os seus elementos interdependentes.

Como se realizaria essa observação direta? Por meio de excursões que obedecessem a um plano, em que os objetivos, o itinerário, o desenvolvimento, estivessem bem delineados. Os alunos seriam preparados previamente e no local orientados para "ver" as peculiaridades e as semelhanças, procurando sempre relacionar com o já visto. Nessas excursões, os adolescentes teriam oportunidade de conhecer o funcionamento e a aplicação de aparelhos que são utilizados no campo, para completarem a observação. Ainda mais, fariam registros dos dados observados, coletariam amostras para as suas coleções ou do estabelecimento. Os alunos aproveitariam para medir distâncias e explorar a natureza. O importante da observação direta é a "descoberta" que os estudantes fazem das relações entre os fenômenos, mesmo que vistos anteriormente, mas não compreendidos em seus detalhes e em suas correlações. Além das excursões, os levantamentos de dados, também fazem parte da observação direta. Podemos acrescentar ainda, as visitas aos estabelecimentos industriais, comerciais e agrícolas, estações ferroviárias e rodoviárias, aos museus, enfim a todos aqueles recursos que a comunidade possa oferecer para a observação direta dos alu-

nos. No ensino da Geografia, não se pode dispensar êsse tipo de observação. Tulippe (op.cit.)

Na sala de aula, é a observação indireta que vai ser utilizada. O uso das ilustrações vem complementar a observação direta. Entendemos por ilustrações - as gravuras, as fotografias, as projeções, os cartazes, jornais murais, os bloco-diagramas, etc. Estas ilustrações, porém, não devem ser apresentadas prontas, e sim, selecionadas, construídas e confeccionadas pelos alunos ou então no caso das projeções, serão utilizadas como motivo para desperçar o interêsse por um assunto ou esclarecer e completar outro. Além das ilustrações, o professor deve recorrer à construção e interpretação de gráficos representativos, com dados coletados pelos alunos, obtidos na comunidade ou em anuários estatísticos. Como a Geografia se preocupa com a localização, extensão e analogia dos fatos, é de grande importância, na observação indireta, o uso de atlas e das cartas geográficas. Os estudantes devem ser iniciados na leitura e interpretação dos mapas e isto exige um planejamento cuidadoso por parte do professor. É uma habilidade que devemos transmitir aos nossos alunos, pois se aprenderem essa leitura, um novo mundo lhes será descortinado. Através do atlas êles aprendem onde estão os lugares, como são êsses lugares, a distribuição de todos os fenômenos da natureza e das atividades humanas. No manuseio do atlas, os alunos enriquecem seus esquemas de ação, aplicando na Geografia, noções aprendidas em matemática, isto é, medindo comprimento e largura, manuseando escalas e trabalhando com os diversos tipos de projeções. Enfim, o uso do atlas fornece aos estudantes uma linguagem útil, necessária e imprescindível.

As bibliotecas, tanto de classe como do estabelecimen - to, são fontes inesgotáveis para a observação indireta. O uso de livros específicos de Geografia, de revistas de divulgação, de literatura, podem, quando bem utilizados, ampliar o horizonte geográfico dos alunos. Os filmes educativos constituem auxiliares valiosos, pois trazem o mundo para dentro da sala de aula.

Assim, a observação direta se inicia na sala de aula, com o preparo do roteiro das excursões, das visitas e dos levantamentos e vai-se desenvolver no campo, para terminar na sala de aula. Os alunos trazem os dados, as amostras, as anotações para serem trabalhadas, manipuladas e estudadas na classe. Deve haver um intercâmbio intenso e contínuo entre as atividades dentro e fora da sala de aula. A observação direta se completa com a indireta.

As observações indiretas em classe devem servir de modelo para outras observações indiretas na vida cotidiana dos alunos. Não podemos nos esquecer que numa época em que os adolescentes vão ao cinema e assistem a programas de televisão, esses meios de comunicação não devem ser menosprezados. As películas modernas são rodadas "in loco", tendo como fundo paisagens naturais. Se os alunos, em classe e no campo, adquirirem esquema para observar, interpretar e relacionar fotografias, gravuras, postais, etc., poderão aplicar esse mesmo esquema quando forem ao cinema, enriquecendo seu vocabulário e a sua observação. Os alunos, após essa série de exercícios operatórios, serão capazes de assistir criticamente a um filme, observando as relações entre os tipos de moradia, cidades, campos de cultivo, vales, montanhas, florestas, praias, litorais, atividades econômicas, transportes, etc. Em nossa experiência como professor secundário, podemos constatar que os estudantes podem desenvolver a observação indireta através dos filmes comuns, a que todos sempre assistem.

O ensino da Geografia deve procurar sempre despertar nos alunos a observação dos fatos e de suas relações, motivando de tal maneira o seu interesse que o torne duradouro.

Para concluir esta parte, gostaríamos de resumir, dizendo que a Geografia deve fazer parte integrante do currículo escolar e para isso deverá ser ensinada em todas as séries do curso médio. Ela será uma fonte para as demais disciplinas, pois somente por seu intermédio, os alunos adquirem uma visão geral do mundo e das relações do homem com a natureza. Além disso, a Geografia deverá sempre estar recebendo os dados e as informações que as demais matérias lhe fornecem e que lhe são indispensáveis. Para que a Geografia não seja uma parcela isolada do ensino, é preciso que haja uma articulação completa e planejada de todas as matérias e assim o ensino se torne atividade dinâmica, agradável, produtiva e útil a todos que a executam.

A Geografia deve ser ensinada para todos, porque interessa a todas as idades e, mais ainda, é uma matéria prática e de grande utilidade.

III - RETROSPECTO DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL, PARTICULARMENTE EM SÃO PAULO

Após termos feito uma análise cínica das origens e da evolução do conhecimento geográfico e do ensino da Geografia, vamos tentar fazer um retrospecto da situação dessa ciência como disciplina estudada nas escolas brasileiras e, em particular, no Estado de São Paulo.

Utilizamos como base para êsse capítulo vários livros didáticos, editados desde fins do século passado, até a data atual. Estes textos foram obtidos de pessoas que estudaram em escolas primárias e secundárias do Estado de São Paulo e eram adotados pelos professores como compêndios básicos para aulas de Geografia.

Para maior clareza, vamos dividir o nosso estudo em períodos:

1º período - anterior a 1931

2º período - de 1931 a 1960

3º período - posterior a 1960

O critério adotado para essa divisão fundamenta-se nos acontecimentos marcantes no campo da Educação. O primeiro período termina com a reforma Francisco Campos; inicia-se, então, o segundo período que vai até a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando começa o terceiro. Pela análise crítica dos livros, constatamos modificações em seu conteúdo e apresentação, que correspondem a êsses acontecimentos no panorama geral da educação brasileira.

Através da análise de livros didáticos, tentamos obter dados que nos auxiliassem a explicar a situação atual da Geografia como matéria de ensino.

As obras consultadas constam da relação bibliográfica.

1º período:

Neste período o ensino da Geografia, como o de outras matérias, era verbalista. A exposição era o único meio de transmissão do conhecimento. Este ensino, característico da Idade Média, era favorecido pelo conceito de Geografia como simples descrição da Terra, de enumeração de acidentes naturais e dados estatísticos e de suas localizações. Geografia era sinônimo de decoreação e quem se dedicava aos estudos geográficos era admirado e apontado como pessoa de memória prodigiosa e capaz de repetir dados numéricos, sem saber as causas e as formas dessas informações. Jardim (1914) já relata que entre os mestres, quando se referiam a alunos medíocres, ao professor de Geografia, diziam: "na sua ca-

deira, "Este aluno de certo irá bem; o que ele sabe é decorar". Ve-
nos, portanto, em um depoimento da época, como já era encarada a
Geografia nas escolas. Enge (1906), deixa claro que o ensino da
Geografia era relegado a um segundo plano e que as suas finalida-
des eram para exercitar a memória e enumerar os acidentes geográ-
ficos e suas definições. Esses autores apresentam como uma das
causas da permanência da Geografia nos programas a de fornecer ba-
se ao estudo da História.

Assim, diante desse quadro, a atitude dos alunos era
passiva e desinteressada, pois a matéria era apresentada como uma
lista cansativa de nomes, as definições eram incompletas e enume-
rativas e o mais grave, não era a disciplina apresentada como co-
nhecimento necessário e útil.

Neste período, não há o ensino superior de Geografia, o
que vai refletir na formação dos professores. No curso secundário,
ensinava-se no primeiro ano, Geografia Matemática e Geografia Fís-
ica ou Descritiva, sendo a Geografia Matemática também conhecida
por Cosmografia, e no segundo ano, Geografia Política; no tercei-
ro ano, Geografia do Brasil, que era descritiva, política, e por
estados.

Os livros analisados, para este período, foram de dife-
rentes autores e tanto para o ensino secundário como elementar. To-
dos eles adotam uma divisão da Geografia tendo como base o seu
objeto. Assim, o fato geográfico é dividido em Físico ou descritti-
vo, Político, Etnográfico ou Antropogeográfico, Geral ou dos con-
tinentes e do Brasil, por estados, sendo precedido de noções de
Astronomia. O fato físico é considerado como uma enumeração dos a-
cidentes geográficos, levando-se em conta aqueles que são oceâni-
cos, litorâneos ou continentais. A descrição é pobre de detalhe e
não é feita a relação entre esses acidentes, nem é dada uma expli-
cação sobre eles. O fato político segue o mesmo esquema, enumera-
ção de definições simplistas, sem correlação e sem preocupação de
interpretação. Na parte referente aos continentes e aos estados
brasileiros, segue a ordem da parte física e política, não apre-
sentando relações dos aspectos físicos entre si, nem destes com os
aspectos humanos. O conceito de Geografia, e conseqüentemente do
seu objeto, campo e método, apresentado nesses livros, não revela
as bases científicas que nessa época a Geografia já possuía.

O conteúdo geográfico puramente descritivo de tais tex-
tos, possivelmente, não propiciava ao professor o uso de outras
técnicas didáticas, a não ser a exposição, o que favorecia a deco-
ração pelos alunos, acarretando um amontoado de noções sem funda-

mentos e sem utilidades. Não havia entre os assuntos tratados o estabelecimento de relações que fizessem apelo ao raciocínio, à imaginação, nem à observação. Não havia preocupação, em que a Geografia desse a sua contribuição inestimável no sentido de desenvolver no aluno as habilidades de orientação e de representação cartográfica.

Os livros apresentam alguns desenhos a bico de pena sem utilidade prática e mapas representando limites e localizações de acidentes naturais. Não há referência a exercícios, sugestões de leituras complementares e gráficos, que pudessem ser utilizados pelos professores para que as aulas se tornassem mais objetivas.

Podemos concluir que, pelas obras consultadas, esse período se caracteriza por um conteúdo ultrapassado, mesmo para a época e que os métodos e os procedimentos didáticos se enquadravam no arcaico verbalismo. Conteúdo ultrapassado por que a matéria era apresentada como definições dos acidentes, sem levar em conta as formas e a gênese dos mesmos. Nota-se através desses livros textos, que mesmo o conceito de Geografia ainda era encarado como a simples descrição da Terra. Não era feita ainda a relação do Homem com a Terra, característica da ciência geográfica e por conseguinte não solicitava a observação da paisagem por parte dos alunos.

É interessante anotarmos aqui, que nessa época, em países como Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos e outros já se escreviam tratados de Geografia Moderna e já se discutia da relação e da atividade do homem na Terra.

2º período:

Este período está marcado por acontecimentos, que trazem consequências tanto para a Geografia, como para a educação, no Brasil.

Em 1934 instala-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, formando-se um Departamento de Geografia, para o qual são convidados professores franceses de renome internacional. Esses professores não se limitam a iniciar as atividades didáticas de Geografia, na Faculdade recém-instalada. Mas, iniciam, também, as pesquisas geográficas em bases científicas, modernas e procuram coordenar as atividades geográficas de todo o Brasil, através da fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Para o Rio de Janeiro, também, vieram geógrafos franceses, para dar colaboração ao Departamento de Geografia da Universidade Nacional e lançaram as bases para a formação do Conselho Nacional de Geografia, que tantos trabalhos de alto nível têm

produzido.

Inicia-se, assim, o ensino da Geografia, em nível superior, com a conseqüente formação de geógrafos profissionais e formação de professores de Geografia em nível universitário. Apareceram, então, os primeiros professores licenciados em Geografia, que deram contribuição inestimável ao ensino da Geografia e à educação em geral.

Por outro lado, a reforma Francisco Campos, amplia o ensino da Geografia, que passa a ser ensinada nas cinco séries ginasiais. Completando essa reforma, verifica-se uma expansão notável da rede escolar secundária, no Estado de São Paulo.

A formação universitária dos professores, o ensino da matéria em todas as séries do Curso Secundário e o aumento considerável dos ginásios vão constituir as bases modernas, para o ensino da Geografia.

Devemos, salientar, também, que em 1943, iniciam-se no Estado de São Paulo, os concursos de ingresso ao magistério secundário e normal, para provimento efetivo do cargo de professor, que contribuíram de maneira decisiva para o aprimoramento do nível do professor secundário.

Durante, todo esse período, multiplicaram-se os cursos de Geografia nas faculdades de filosofia, que foram instaladas por órgãos oficiais ou por entidades particulares. Além disso, aumenta o número de professores efetivos de Geografia, uma vez que os concursos de ingresso ao magistério secundário e normal se processam anualmente. Também o número de estabelecimentos ginasiais, estaduais se multiplicam, pois são criadas novas unidades em quase todas as sedes de municípios. Todos esses fatos vêm firmar a posição da Geografia em nosso meio, daquela Geografia trazida pelos franceses e hoje difundida em todo o Brasil, através das assembleias anuais dos geógrafos brasileiros.

Mas, apesar de todo esse progresso no campo da Geografia, persistiram ainda aspectos da escola tradicional em seu ensino.

Verifica-se, nesse período, a introdução no ensino da Geografia, de gravuras, de fotografias, de cartas. Tais recursos didáticos são apenas mostrados aos alunos, que não podem transformar, nem manipular esse material para tentar uma explicação, o que dificulta a formação de operações que possibilitem a utilização desse conhecimento em situações novas. O professor continua expondo e o aluno escutando. Os educandos adquirem hábitos rígidos, não sabendo, portanto, resolver problemas quando apresentados de ma -

neiras diferentes. As excursões ou demonstrações, quando feitas, não seguem um preparo prévio, um roteiro orientador, e por isso não atingem os objetivos da observação geográfica. Os alunos quando levados em outra excursão para observar uma paisagem diferente, não são capazes de "ver" nada; cada excursão é uma excursão e não parte de um todo.

Assim neste período, podemos dividir as obras estudadas em dois grupos: 1º - aquelas que continuam seguindo o esquema do período anterior; 2º - as que já esboçam e se preocupam com um conceito moderno de Geografia. Como é óbvio vamos sempre nos referir, neste período, aos livros do segundo grupo, porque o nosso interesse se centraliza em como se desenvolveu o ensino de Geografia entre nós.

Constatamos que apesar de ainda haver descrição estática e enumeração dos fatos, já começa a existir relação do fato físico com o humano e surgem tentativas para explicações e interpretações dessa relação.

Os livros já trazem mapas mais detalhados, em cores, assim como gravuras, fotografias e também gráficos. Outro aspecto positivo é o aparecimento de livros para cada série escolar, de acordo com programas oficiais, o que revela uma preocupação em adequar a matéria ao nível dos alunos.

Podemos concluir que neste período, apesar do conteúdo geográfico estar mais atualizado, não está de acordo com o conceito moderno de Geografia, porque o critério de divisão é o seu objeto e não o seu método de estudo. Continua a noção errada de que a Geografia está dividida em Geral e do Brasil, e por Geografia Geral entendendo-se a Geografia dos Continentes. Ainda perdura o ensino da Geografia do Brasil por estados e os elementos físicos são apresentados no início, seguindo-se os humanos, não sendo feita ainda a relação Homem-Terra. Esta apresentação do conteúdo não favorecia, ainda, as atividades peculiares a um ensino renovado de Geografia.

3º período:

Foi considerado a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e podemos afirmar que é como se encontra o ensino da Geografia em nossos dias e, portanto, vamos analisar a sua situação de um modo geral.

A Lei, ao regulamentar o ensino superior de Geografia, trouxe conseqüências para a formação dos licenciados. Para a obtenção da licenciatura em Geografia, o candidato deverá seguir

um curso com a duração de 4 anos. O currículo mínimo é constituído de seis matérias básicas: Geografia Física, Geografia Humana, Geografia Regional, Geografia do Brasil, Biogeografia e Cartografia, enquanto que o currículo pleno terá o acréscimo de mais duas matérias, que serão escolhidas pelo departamento de Geografia de cada Faculdade, de uma lista sugerida pelo Conselho Federal de Educação, que inclui várias matérias. Ainda do currículo pleno fazem parte as matérias pedagógicas, como Psicologia Educacional, Administração Escolar, Didática e Prática de Ensino.

Mas, a Lei deixa livre a escolha dos cursos que serão ministrados dentro dessas matérias. Esta deliberação, vai acarretar uma desigualdade na formação geográfica dos licenciados, pois as Faculdades não são obrigadas por lei a ter uma determinada distribuição das matérias por ano, nem a obrigação de que cada matéria tenha cursos geralmente considerados básicos. Sabemos que em Geografia Física e Humana, que constituem a Geografia Geral, há necessidade de vários cursos que devem fornecer o conhecimento sistemático da ciência geográfica, para que seja possível estudar o fato geográfico em todos os seus aspectos e para obter assim visão de conjunto da paisagem. O mesmo podemos dizer da Cartografia, que deverá ser uma cartografia geográfica para que funcione como instrumento indispensável para se estudar Geografia.

Assim, diante da ausência de uma regulamentação por parte da Lei, de número de anos e de cursos que a matéria deve ministrar, a formação dos licenciados em Geografia não é basicamente uniforme.

Para obter registro de professor de Geografia, para ensinar no curso médio além dos licenciados, há também aqueles que se submetem a um exame de suficiência. Além deste exame, é exigido o curso médio completo e a frequência às aulas de Geografia no período de um mês, o que não corresponde ao mínimo exigido para os licenciados.

Assim, quanto à formação dos professores de Geografia, do curso médio de nossas escolas, encontramos uma situação bastante desigual. Por um lado, professores licenciados com diferentes currículos e por outro professores sem formação universitária. Além de variar a formação básica, entre esses professores, devemos acrescentar as diferenças de situação econômica uma vez que os professores ensinam tanto em escolas oficiais como particulares, o que irá refletir em número de aulas dadas e salário percebido.

Quanto à regulamentação do ensino em nível médio, a Lei

coloca a Geografia entre as matérias básicas, juntamente com Português, Matemática, Ciências, e História. Mas os currículos regulamentados pelos Conselhos Federal e Estadual não distribuem a Geografia por todas as séries do curso médio, revelando assim que a matéria não é considerada disciplina básica.

Quanto à distribuição da Geografia nos cursos de grau médio, de um modo geral, deparamos com a seguinte situação:

Secundário: 1º ciclo - nas 1ª, 2ª, e 3ª séries

2º ciclo - no 1º clássico e no 1º normal

Industrial: 1º ciclo - nas 1ª e 2ª séries

Comercial: 1º ciclo - nas 1ª e 2ª séries

2º ciclo - no 3º colegial

Outro problema é a divisão da Geografia em Geral e do Brasil, entendendo-se por Geral o estudo dos continentes, quando deveria ser o estudo sistemático. Estamos diante de uma situação que vem desde o século passado e que não se justifica, porquanto a ciência geográfica já apresenta divisão orientada pelo seu método. Isto acarreta dificuldades para os professores de formação geográfica completa, na elaboração de programas pelas diversas séries.

Por que a continuação da idéia errônea da divisão da Geografia? Não investigamos o problema, mas suponemos que se deva à ausência, no quadro de técnicos de educação, de profissionais licenciados por Faculdade, verdadeiramente habilitados a contribuir, como consultores ou como membros de órgãos administrativos, que regulamentam o assunto.

Então, o que se constata é a imposição ao professor de Geografia de ensinar primeiro a parte regional e depois a geral, em vez da ordem inversa. A Geografia Geral estuda sistematicamente os componentes do fato geográfico, enquanto que a regional estuda a combinação desses elementos, em conjunto, num determinado espaço da superfície terrestre.

Se, nas faculdades, em que os alunos ingressam com 18 anos no mínimo, após o término do curso médio, sempre é ensinada a Geografia Geral antes da Regional, por que nas escolas médias tenta-se o inverso?

Não seria interessante que as autoridades em Educação revissem e reformulassem o conceito de Geografia? Queremos propor que a partir do registro de professores, seja a Geografia considerada em sua unidade, que simplesmente o professor seja registrado em GEOGRAFIA e que a matéria ensinada nas escolas médias seja também denominada GEOGRAFIA. Isto não é nada de extraordinário, pois as demais disciplinas curriculares são rotuladas simplesmente

te de: Matemática, Física, Química, Desenho, Português, Francês, etc. No caso de Ciências, a própria palavra indica uma pluralidade e todos nós sabemos que quando se fala em Ciências, subentende-se as ciências físicas, químicas e biológicas ou ciências naturais. Assim encarada, a matéria Ciências indica que o objeto estudado não é um único e sim vários. Voltando à Geografia, ela é encarada e estudada no singular e o seu objeto é uno e indivisível, pois se nós o dividirmos, correremos o risco de fazer outra ciência e não Geografia.

Quanto à proposição de um programa a ser distribuído pelas séries dos cursos médios, trataremos na terceira parte de nosso trabalho.

Os livros didáticos também sofreram consequência da Lei, pois não são mais apresentados em séries e sim em volumes. Atualmente, todos os livros trazem fotografias, gravuras, mapas, croquis, gráficos ou exercícios, mas variam muito, tanto quanto à qualidade como à quantidade. Assim, ainda encontramos livros bastante falhos quanto ao conteúdo e quanto ao método. Mas, é de alegrar que já tenham sido editados outros com uma apresentação atraente, despertando em nossos alunos a curiosidade pelo mundo que é nossa morada.

2ª parte

LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA EM ESCOLAS DE GRAU MEDIO

I - INTRODUÇÃO

Em nossas atividades como professor-secundário observamos vários aspectos da situação do ensino da Geografia. Entretanto, desejávamos saber se esta situação observada em âmbito local, seria a mesma em todo o Estado de São Paulo. Com essa finalidade realizamos leituras referentes ao ensino da Geografia.

Sobre o problema do ensino da Geografia, Clozier (1961), apresentou no Congresso Internacional de Geografia, em Estocolmo, os resultados do inquérito feito pela Comissão de Ensino, da União Geográfica Internacional. Esse levantamento da situação da Geografia teve por objetivo verificar a distribuição por série da disciplina nos currículos de escolas médias, obter informações sobre o conteúdo dos programas e, principalmente, constatar se a Geografia é ensinada como matéria autônoma ou subordinada aos Estudos Sociais.

Por outro lado, Werebe (1958), fez um levantamento da situação do ensino secundário e normal do Estado de São Paulo. O levantamento visava obter informações sobre qualificação profissional, situação de trabalho e opinião dos professores e diretores sobre problemas de ensino. Quanto ao corpo discente, tinha em vista os aspectos referentes à matrícula, aprovação e reprovação nas escolas.

Dottori (1964) tece considerações sobre a situação do ensino da Geografia, apontando problemas relacionados com o método de ensino, o livro didático e a formação dos professores.

Esses trabalhos nos sugeriram uma pesquisa dos problemas relacionados com a situação do ensino da Geografia entre nós.

Por conseguinte, julgamos oportuno fazer um levantamento sobre o ensino da Geografia, em escolas de grau médio, que pudesse fornecer informações objetivas da situação do ensino desta disciplina.

Esperamos que este estudo possa abrir perspectivas para novas investigações, que venham com seus resultados enriquecer o campo do ensino da Geografia.

II - OBJETIVO

Nosso objetivo foi realizar um levantamento da situação da Geografia, como matéria de ensino, em escolas de grau médio, tendo em vista a verificação do seu "status", entre as diversas outras matérias curriculares e verificar a opinião dos alunos sobre o ensino desta mesma disciplina.

III - PROCEDIMENTO

1- População

Alunos de escolas secundárias e comerciais do 1º e 2º ciclos e de escolas industriais do 1º ciclo, de ambos os sexos; das cidades de Santos, Rio Claro, Americana, Brotas e Guarujá, constituíram nossa população.

Santos foi incluída por ser um grande centro urbano; Rio Claro e Americana, por serem cidades médias e Brotas e Guarujá, centros pequenos localizados no interior e no litoral respectivamente.

2- Amostras

Constituíram nossa amostra, sujeitos escolhidos por oferecerem facilidades de acesso para a coleta dos dados e matriculados nos seguintes estabelecimentos de ensino:

Da cidade de Santos:

Instituto de Educação "Canadá" - escola secundária estadual

Colégio "Stella Maris" - escola secundária religiosa

Escola Industrial "Escolástica Rosa" - estadual

Instituto Comercial Municipal

Da cidade de Rio Claro:

Instituto de Educação "Joaquim Ribeiro" - escola secundária estadual

Escola Normal e Ginásio "Coração de Maria" - escola secundária religiosa

Escola Industrial "Prof. Aprígio Gonzaga" - estadual

Colégio Comercial "Arthur Bilac" - particular

Da cidade de Americana:

Instituto de Educação "Presidente Kennedy" - escola secundária estadual

Ginásio "Divino Salvador" - escola secundária religiosa

Escola Industrial de Americana - estadual

Escola de Comércio "D. Pedro II" - particular

Da cidade de Guarujá:

Escola Normal e Ginásio Estadual de Guarujá.

Da cidade de Brotas:

Escola Normal e Ginásio Estadual de Brotas.

Devido à falta de informações sobre a variabilidade dos atributos e variáveis incluídas neste estudo, o que não permite uma determinação adequada do tamanho da amostra, decidiu-se tomar ao acaso, 10% da população, num total de 1.086 sujeitos.

3- Variáveis

Na falta de informações sobre quais as variáveis, que interferem no ensino da Geografia como matéria curricular, procuramos controlar o maior número possível de variáveis: sexo, idade, série, nível sócio-econômico, tipo de escola e cidade.

4- Método

Em experiência anterior, tentamos um levantamento da situação de ensino da Geografia através de informações dos professores, enviando questionários pelo correio. Uma porcentagem insuficiente ^{respondeu} ao questionário, o que nos impossibilitou o trabalho. Diante disso, procuramos analisar a situação da Geografia, através da aplicação direta de questionários aos alunos de escolas médias.

Para verificação da validade do questionário, ele foi aplicado a um número de 10 pessoas, com as mesmas características da população que ia ser estudada, para obtenção de críticas e sugestões.

A técnica empregada para levantamento de informações foi a de questionário, por ser em geral, a utilizada neste tipo de trabalho. As questões foram deixadas abertas para maior liberdade nas respostas, pois necessitávamos que os sujeitos nos fornecessem informações espontâneas. Por outro lado, dado o grande número de sujeitos que constituem a nossa amostra, o questionário é a técnica que melhor nos poderia servir.

Neste nosso estudo, aplicamos o questionário que vai transcrito nos anexos.

Em seguida, as informações obtidas, através dos questionários, foram submetidas a uma codificação, para ser possível o tratamento quantitativo.

As respostas dadas pelos sujeitos foram classificadas da seguinte maneira:

As respostas dadas às questões 2,3,4 e 6, foram classi-

ficadas em dois grupos: "inclusão" e "não inclusão" da Geografia. Consideramos "inclusão", o fato da Geografia estar presente nas respostas dos sujeitos, independente da posição por ela ocupada na ordem de apresentação, e "não inclusão", a ausência da Geografia nas respostas dadas pelos sujeitos.

As respostas da questão 8, que requerem a apreciação das aulas de Geografia, por parte dos sujeitos, foram classificadas em três grupos: a) as que se referiam ao uso de material didático no decorrer das aulas; b) as que se referiam à pessoa do professor e c) as que se referiam diretamente ao conteúdo da matéria.

Nas respostas 9 e 10 que envolvem a apreciação daquilo que foi por nós considerado geográfico, levamos em conta a afirmação dos sujeitos de que apreciavam fotografias mostrando lugares e costumes de outros países e gostavam de ver, em viagem, paisagens geográficas.

As respostas da questão 11, que solicitam a apreciação por parte dos alunos, dos assuntos ministrados nas aulas de Geografia, foram classificadas de acordo com os diversos aspectos geográficos apontados pelos alunos: físicos, humanos, regionais, brasileiros e astronômicos.

As respostas da questão 17, que abrangem as razões sobre a apreciação da Geografia, por parte dos sujeitos, foram classificadas em três categorias: a) as que se referiam à pessoa do professor; b) as que se referiam ao conteúdo da matéria e c) as que se referiam diretamente ao ensino desta disciplina.

As respostas das questões 12, 16 e 18, que dizem respeito aos recursos didáticos utilizados no ensino da Geografia, tais como o uso do atlas, consulta de livros e realização de exercícios em casa, foram classificadas em dois grupos: a) as que consideravam útil o uso desses recursos didáticos e b) as que consideravam indiferente a utilização desses recursos.

Foram abandonadas as seguintes respostas:

- a) na questão 13, por serem subjetivos os conceitos de "detalhado" e "curto", usados por nós nessa pergunta;
- b) as obtidas nas questões 19 e 20, por terem sido enunciadas num sentido geral e não especificamente relacionadas com a disciplina Geografia;
- c) na questão 9, desprezamos as respostas referentes a parte "gostar de fotografias", porque as informações obtidas não contribuíam em nada para o esclarecimento da situação do ensino da Geografia;

- a) as respostas oferecidas às questões 14 e 15 não foram consideradas porque se tornaram improcedentes;
- b) as questões 1, 5 e 7, foram deixadas de lado, para serem retomadas num estudo sobre a relação da Geografia e a escolha da profissão.

O questionário ficou, portanto, reduzido a 12 questões.

Inicialmente, nossa amostra era constituída de sujeitos que frequentavam séries que incluían ou não a Geografia, como matéria curricular. Este fato constituía uma variável que poderia interferir nos resultados, e como não nos foi possível controlá-la, decidimos desprezar as respostas dos sujeitos que não estavam estudando Geografia. Dos que estavam estudando Geografia, selecionamos aquêles que frequentavam as primeiras e segundas séries ginasiais, isto porque, com a reforma atual do ensino, a Geografia como disciplina obrigatória faz parte do currículo dessas séries, do primeiro ciclo, das escolas de grau médio.

Dadas as dificuldades de controle e conseqüentemente de tratamento estatístico, tivemos que colocar de lado as variáveis "idade" e "nível sócio-econômico".

Portanto, nossa amostra ficou constituída de 446 sujeitos, provenientes de escolas secundárias, comerciais e industriais, de 1ª e 2ª séries ginasiais, de sexo masculino e feminino. A tabela I evidencia a distribuição das unidades amostrais por escola, por série e por sexo.

O procedimento que utilizamos, para testar a independência das variáveis consideradas, foi o teste estatístico usualmente empregado, sempre que se quer verificar a hipótese de independência entre duas variáveis medidas em escala nominal: o teste X^2 . O nível de significância utilizado foi 0,05. A rejeição da hipótese de independência, ao nível de 0,05 será sempre indicada por * sobre o valor observado do X^2 .

IV - RESULTADOS

Para maior clareza e facilidade de apresentação, agrupamos os resultados em: 1) os que se referiam às informações para a verificação do "status" da Geografia entre as matérias curriculares e 2) os que se referiam às informações para a verificação do ensino da Geografia, em termos dos alunos.

1- Verificação do "status" da Geografia, em relação às demais matérias curriculares.

A Geografia é indicada como matéria obrigatória, pelo Conselho Federal de Educação, na organização dos currículos escolares, das escolas de grau médio. Daí nosso interesse em verificar o "status" ocupado por essa mesma disciplina, através dos alunos. Este "status" foi verificado através da inclusão ou não inclusão da Geografia, entre as matérias consideradas mais difíceis e mais fáceis pelos alunos, e entre as de que eles mais gostam e as de que menos gostam. Tal verificação foi feita através das respostas dadas pelos sujeitos às questões 2, 3, 4 e 6 (Tabelas II e III).

Desejávamos saber se esse "status" variava de acordo com as escolas frequentadas pelos sujeitos, de acordo com as séries que estavam matriculados e de acordo com o sexo (Tabela IV).

A análise dos resultados nos revelaram que os alunos, através da inclusão ou não inclusão da Geografia, classificaram-na entre as matérias que consideram mais fáceis e entre as de que eles mais gostam, e que sexo e série frequentada não interferem nessa classificação, enquanto, que o tipo de escola interfere na classificação da Geografia entre as matérias consideradas mais fáceis e as que os alunos mais apreciam.

Podríamos, então, dizer sobre o "status" ocupado pela Geografia, entre as demais matérias curriculares que: é matéria considerada pelos alunos entre as mais fáceis e entre as de que mais gostam e que o tipo de escola interfere nesse "status".

2- Verificação do ensino da Geografia, em termos dos alunos.

Para verificarmos a situação do ensino da Geografia em termos dos alunos, subdividimos os resultados em itens, de acordo com as informações obtidas.

2.1- Apreciação da Geografia pelos alunos, como matéria curricular.

Os alunos, revelando através das respostas, que indicavam gostar e não gostar da Geografia como matéria curricular, nos forneceram as informações para que pudéssemos verificar a apreciação dessa disciplina. Assim, os resultados obtidos, através das respostas à questão 17, nos mostraram, que a grande maioria, independentemente de tipo de escola, série e sexo dos sujeitos, gostava de Geografia como disciplina (Tabela V). Por outro lado, os resultados revelaram que tipo de escola e série que os sujeitos frequentavam não interferiam nessa apreciação, enquanto que o sexo desses sujeitos interferia na apreciação da matéria Geografia.

A interpretação dos resultados sobre as razões indica-

das pelos sujeitos, na apreciação da Geografia como disciplina (Tabela VI), nos mostra que o conteúdo da própria Geografia é o motivo mais freqüente de sua apreciação. As demais razões apresentadas pelos sujeitos na apreciação da Geografia relacionavam-se com o professor e com o seu ensino. Essas razões indicadas pelos alunos interferem na apreciação da Geografia como disciplina.

Os alunos, quando indicaram que gostavam de Geografia, pelo seu conteúdo, referiram-se aos aspectos físicos, humanos e econômicos do Brasil e dos demais continentes, tanto do ponto de vista geral, como regional. Quando as respostas dos sujeitos, indicando as razões de não gostarem de Geografia, estavam relacionadas com o seu ensino, referiram-se ao excesso de nomenclatura, ao apêlo constante à decoração e ao ensino predominantemente expositivo dessa matéria.

Portanto, a Geografia é uma disciplina que os alunos apreciam. Esse fato independe da escola e da série, que os alunos estudam e depende do sexo. E a razão mais freqüentemente apontada, pelos alunos para gostarem dessa matéria, é o seu conteúdo geográfico.

2-2- Apreciação das aulas de Geografia.

Para essa verificação, procuramos analisar as informações colhidas, através das respostas fornecidas pela questão, na qual se solicitava aos sujeitos que apontassem em que situação apreciavam as aulas de Geografia.

Os resultados obtidos nos revelaram (Tabela VII), que a pessoa do professor é a razão mais freqüente para os alunos gostarem das aulas de Geografia. As demais razões apontadas, referiam-se ao uso de material didático durante as aulas e ao conteúdo da própria matéria. Essas razões, apontadas pelos alunos para a apreciação das aulas de Geografia, dependem do tipo de escola que estejam cursando, enquanto que a série e o sexo não interferem nesse fato.

Podérianos dizer que quando os alunos são interpelados sobre as razões para gostarem das aulas de Geografia não dissociam aulas e professor. Mas, quando são interpelados sobre as razões de gostarem de Geografia como disciplina, a figura do professor é dissociada da matéria. Assim, a Geografia, enquanto conhecimento é encarada pelos alunos, por si mesma, mas enquanto matéria a ser ensinada, é encarada em função do professor que a ensina.

2.3- Assuntos preferidos pelos sujeitos, nas aulas de Geografia.

Foi verificada, essa preferência dos alunos, através das respostas dadas à questão 11. As informações obtidas foram distribuídas pelos vários ramos da Geografia (Tabela VIII).

Na análise dos resultados, evidenciou-se maior frequência nos aspectos físicos da Geografia, principalmente em relação à escola secundária e aos sujeitos que cursavam a primeira série. Poderíamos ensaiar algumas explicações para esse fato. Em geral, os professores iniciam o ensino da Geografia pelos aspectos físicos nas primeiras séries ginaçais e não conseguem ministrar a parte do programa correspondente aos aspectos humanos e regionais. É interessante notar, que os assuntos ligados à Geografia astronômica, que muitos professores julgam necessários ensinar, alegando que os alunos têm preferência por eles, não aparecem com grande destaque.

Podemos dizer que a preferência dos assuntos geográficos tratados em aula, depende da escola e da série frequentadas pelos alunos, enquanto, que o mesmo fato não depende do sexo dos sujeitos.

2.4- Apreciação, por parte dos sujeitos, daquilo que é geográfico.

Para verificar se os sujeitos apreciavam ou não aquilo que é geográfico, utilizamos as respostas dadas às questões 9 e 10. As informações obtidas nos revelaram que os alunos apreciam, significativamente, aquilo que por nós foi considerado geográfico (Tabela IX).

Esses resultados evidenciaram a possibilidade, por parte dos professores, de usar as fotografias mostrando lugares e costumes de outros países, como ilustrações das aulas de Geografia, para desenvolver a observação indireta dos alunos, pois que os estudantes demonstraram apreciar esse tipo de imagem. Ao mesmo tempo, os aspectos geográficos da paisagem, sendo apreciados pelos sujeitos, evidenciam a prática de excursões e de aulas de campo, como meios para desenvolver a observação direta nos alunos.

2.5- Relação entre apreciação da Geografia como disciplina e apreciação daquilo que é geográfico.

Com as informações obtidas, procuramos estabelecer relação entre apreciar a Geografia como matéria curricular e apreciar aquilo que é geográfico, como foi considerado anteriormente.

Para verificação dessa relação agrupamos os c

- a) os que se referiam a gostar ou não de Geografia e de fotografias mostrando lugares e costumes de outros países (Tabela X-1) e
- b) os que se referiam a gostar ou não de Geografia e de observar os aspectos geográficos da paisagem (Tabela X-2).

Os resultados nos mostraram que, em geral, os sujeitos apreciando ou não a Geografia como disciplina, apreciam aquilo que é geográfico. Por outro lado, o fato dos sujeitos não gostarem da Geografia como matéria não exclui o fato de gostarem daquilo que é geográfico. A explicação para êsses resultados pode residir no fato, de que nem sempre os professores ao ministrarem aulas de Geografia, tratam dos assuntos geográficos, através de uma abordagem moderna e de interêsse prático.

2.6- Como os alunos consideram o emprêgo de alguns recursos didáticos, no ensino da Geografia.

Para a verificação de como os alunos consideram o emprêgo de recursos didáticos, no ensino da Geografia, utilizamos as respostas às questões 12, 16 e 18. (Tabela XI). Os resultados obtidos evidenciaram que os sujeitos independentemente do tipo de escola, da série e do sexo, consideram útil o uso de atlas, a consulta de livros e a realização de exercícios em casa e nas aulas de Geografia.

Portanto, podemos sugerir aos professores de Geografia, a utilização dêsses recursos didáticos, pois são acessíveis e encontram grande aceitação por parte dos alunos.

V - CONCLUSÕES

Verificamos, através dêste levantamento, vários fatos referentes à situação do ensino de Geografia, nas escolas de grau médio.

1- A maioria dos alunos revelou gostar de Geografia por seu próprio conteúdo. E aquêles, que revelaram não gostar dessa matéria, apontaram razões relacionadas com o seu ensino.

2- De um modo geral, os alunos apreciam todos os assuntos geográficos.

3- Os alunos revelaram apreciar aquilo que é geográfico, pois gostam de fotografias mostrando lugares e costumes de outros países e observam os aspectos geográficos da paisagem quando viajam.

4- Verificamos que a apreciação, por parte dos alunos daquilo que é geográfico, é independente da apreciação ou não da Geografia como disciplina.

5- Os alunos apreciam as aulas de Geografia, por razões relacionadas, principalmente com a pessoa do professor e secundariamente por razões relacionadas com o uso de material didático nas aulas, e com o conteúdo da própria matéria.

6- Os recursos didáticos, como o uso de Atlas, a consulta de livros e a realização de exercícios em casa, foram considerados, pelos alunos, como de utilidade, nas aulas de Geografia.

7- Sobre o "status" da Geografia, poderíamos dizer que ela se inclui entre as matérias consideradas pelos alunos como mais fáceis e entre aquelas de que ôles mais gostam.

Esperamos que êste levantamento venha contribuir para o esclarecimento da situação do ensino da Geografia, em nossas escolas de grau médio. Além disso, que possa fornecer elementos e sugestões para outras pesquisas, no campo do ensino da Geografia.

A N E X O S

QUESTIONÁRIO UTILIZADO

- Idade Sexo Série
- Profissão do Pai
- Escola Cidade
1. Pretende seguir a profissão de
 2. As matérias que acho mais difíceis são
 3. As matérias que acho mais fáceis são
 4. As três matérias de que mais gosto são
 5. Estas matérias (são ou não são) importantes para a profissão que pretendo seguir.
 6. As três matérias de que menos gosto são
 7. Estas matérias (são ou não são) importantes para a profissão que pretendo seguir.
 8. Eu gosto mais das aulas de Geografia quando
 9. Eu (gosto ou não gosto) de fotografias mostrando lugares e costumes de outros países porque
 10. Quando eu viajo, eu gosto de ver
 11. Nas aulas de Geografia os assuntos que mais aprecio são
 12. Quando eu estudo Geografia (acho ou não acho) bom consultar um livro sobre o assunto.
 13. Eu acho mais fácil estudar Geografia quando o professor dá um resumo (detalhado ou curto)
 14. Considerando todas as matérias que estudo e já estudei, acho que precisaria estudar algum tempo mais de
 15. Já estudei anos de Geografia e gostaria de estudar mais anos de Geografia.
 16. Eu acho (útil ou indiferente) o uso de Atlas.
 17. Eu (gosto ou não gosto) de Geografia porque
 18. Os exercícios de Geografia que faço em casa (ajudam ou não ajudam) à compreensão das aulas.
 19. Prefiro as sabatinas em que o professor dá
 20. Eu coleciono

Tabela I - Distribuição das unidades amostrais: por escola, por série e por sexo.

Escola	T	Série	T	Sexo	T
Secundária	320	1ª	257	masculino	218
Comercial	37	2ª	189	feminino	228
Industrial	89				
TOTAL	446		446		446

Tabela II - Relação entre "inclusão" e "não inclusão" da Geografia, e as matérias consideradas mais difíceis e mais fáceis, pelos sujeitos.

	mais difícil	mais fácil
inclusão	58	220
não inclusão	355	217
TOTAL	413	437

$$\chi^2 = 127,230^*$$

Tabela III - Relação entre "inclusão" e "não inclusão" da Geografia e as matérias de que os sujeitos mais gostam e menos gostam.

	mais gostam	menos gostam
inclusão	216	92
não inclusão	227	293
TOTAL	443	385

$$\chi^2 = 176,590^*$$

Tabela IV - Classificação da Geografia, pelos sujeitos.

A - Entre as matérias consideradas mais difíceis:

1 - Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
inclusão	46	3	9	58
não inclusão	251	30	74	355

$$\chi^2 = 1,491$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
inclusão	35	23	58
não inclusão	203	152	355

$$\chi^2 = 0,95$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
inclusão	22	36	58
não inclusão	179	176	355

$$\chi^2 = 2,63$$

B - Entre as matérias consideradas mais fáceis:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
Inclusão	149	29	42	220
não inclusão	167	7	43	217

$$\chi^2 = 14,647^*$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
inclusão	117	103	220
não inclusão	134	83	217

$$\chi^2 = 2,85$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
inclusão	117	103	220
não inclusão	96	121	217

$$\chi^2 = 3,05$$

C- Entre as matérias de que mais gostam:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
inclusão	143	24	49	216
não inclusão	177	12	38	227

$$\chi^2 = 8,740^*$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
inclusão	129	87	216
não inclusão	126	101	227

$$\chi^2 = 0,64$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
inclusão	105	111	216
não inclusão	110	117	227

$$\chi^2 = 0,0039$$

D- Entre as matérias de que menos gostam:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
inclusão	68	8	16	92
não inclusão	213	18	62	293

$$X^2 = 1,182$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
inclusão	50	42	92
não inclusão	167	126	293

$$X^2 = 0,11$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
inclusão	41	51	92
não inclusão	153	140	293

$$X^2 = 1,35$$

Tabela V - Apreciação da Geografia como disciplina, pelos sujeitos.

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
Gosta	261	30	77	368
Não gosta	56	6	10	72

TOTAL 317 36 87 440
 $\chi^2 = 1,87$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
Gosta	216	152	368
Não gosta	37	35	72

TOTAL 253 187 440
 $\chi^2 = 1,19$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
Gosta	190	178	368
Não gosta	26	46	72

TOTAL 216 224 440
 $\chi^2 = 5,373^*$

Tabela VI - Razões indicadas pelos sujeitos na apreciação da Geografia como disciplina:

	gosta	não gosta	T
Professor	24	6	30
Conteúdo	266	13	279
Ensino	67	49	116

TOTAL 357 68 425

$\chi^2 = 8,95^*$

Tabela VII - Razões apresentadas pelos sujeitos para apreciação das aulas de Geografia:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
Uso de material didático	100	2	18	120
Professor	141	24	47	212
Conteúdo da matéria.....	46	10	16	72
TOTAL	287	36	81	404

$$\chi^2 = 124,599^*$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
Uso de material didático	65	55	120
Professor	123	89	212
Conteúdo da matéria	40	32	72
TOTAL.....	228	176	404

$$\chi^2 = 0,490$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
Uso de material didático	53	67	120
Professor	108	104	212
Conteúdo da matéria.....	38	34	72
TOTAL	199	205	404

$$\chi^2 = 1,843$$

Tabela VIII - Assuntos preferidos pelos sujeitos, nas aulas de Geografia.

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
Geografia Física	116	6	28	150
Geografia Humana	31	1	5	37
Geografia Regional.....	16	3	2	21
Geografia do Brasil....	52	5	18	75
Geografia Astronômica..	15	5	13	33
Todos.....	58	11	19	88
Em branco.....	32	6	4	42
TOTAL.....	320	37	89	446

$$X^2 = 31,225^*$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
Geografia Física	102	48	150
Geografia Humana	12	25	37
Geografia Regional.....	5	16	21
Geografia do Brasil....	31	44	75
Geografia Astronômica..	31	2	33
Todos	50	38	88
Em branco	26	16	42
TOTAL	257	189	446

$$X^2 = 52,367^*$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
Geografia Física	76	74	150
Geografia Humana	17	20	37
Geografia Regional.....	8	13	21
Geografia do Brasil....	32	43	75
Geografia Astronômica..	23	10	33
Todos	40	48	88
Em branco	22	20	42
TOTAL.....	218	228	446

$$X^2 = 8,793$$

Tabela IX - Apreciação por parte dos sujeitos daquilo que é geográfico:

1- Quanto ao tipo de escola:

1.1 - Apreciação de fotografias mostrando lugares e costumes de outros países:

	S	C	I	T
Gosta	315	37	85	437
Não gosta	3	0	4	7

1.2 - Observação de aspectos geográficos da paisagem:

	S	C	T	T
Gosta	298	35	79	412
Não gosta	18	2	7	27

2- Quanto à série:

2.1 - Apreciação de fotografias mostrando lugares e costumes de outros países:

	1ª	2ª	T
Gosta	250	187	437
Não gosta	6	1	7

2.2 - Observação de aspectos geográficos da paisagem:

	1ª	2ª	T
Gosta	236	176	412
Não gosta	16	11	27

3- Quanto ao sexo:

3.1- Apreciar fotografias mostrando lugares e costumes de outros países:

	M	F	T
Gosta	213	224	437
Não gosta	0	7	7

3.2- Observação de aspectos geográficos da paisagem:

	M	F	T
Gosta	200	212	412
Não gosta	14	13	27

Tabela X - Relação entre a apreciação da Geografia como disciplina e a apreciação daquilo que é geográfico.

1- Relação entre a apreciação da Geografia e apreciação de fotografias:

	Gosta de Geografia	Não gosta de Geografia	T
Gosta de fotografias	361	71	432
Não gosta de fotografias.....	6	1	7
TOTAL	367	72	439

2- Relação entre a apreciação da Geografia e apreciação de aspectos geográficos da paisagem.

	Gosta de Geografia	Não gosta de Geografia	T
Gosta de observar a paisagem...	352	66	418
Não gosta de observar a paisagem.....	12	4	16
TOTAL.....	364	70	434

Tabela XI - Como os alunos consideram o emprêgo de alguns recursos didáticos no ensino da Geografia:

A - O uso de Atlas:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
útil	299	33	79	411
indiferente	21	4	10	35
TOTAL	320	37	89	446

$$\chi^2 = 2,593$$

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
útil	235	176	411
indiferente	22	13	35
TOTAL	257	189	446

$$\chi^2 = 0,2252$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
útil	198	213	411
indiferente	20	15	35
TOTAL	218	228	446

$$\chi^2 = 0,7102$$

B - Consulta de livros nas aulas de Geografia:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
útil	304	34	81	419
indiferente	10	2	8	20
TOTAL	314	36	89	439

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
útil	243	176	419
indiferente	8	12	20
TOTAL	251	188	439

$$\chi^2 = 1,8431$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
útil	197	222	419
indiferente	17	3	20
TOTAL	214	225	439

$$\chi^2 = 0,9556$$

C- Realização de exercícios em casa:

1- Quanto ao tipo de escola:

	S	C	I	T
útil	292	35	87	414
indiferente	12	2	1	15
TOTAL	304	37	88	429

2- Quanto à série:

	1ª	2ª	T
útil	244	170	414
indiferente	7	8	15
TOTAL	251	178	429

$$X^2 = 2,7613$$

3- Quanto ao sexo:

	M	F	T
útil	199	215	414
indiferente	11	4	15
TOTAL	210	219	429

$$X^2 = 0,4635$$

SUGESTÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Procuramos neste trabalho dar uma contribuição geral para o esclarecimento dos problemas ligados ao ensino da Geografia.

Inicialmente, tentamos uma análise do conhecimento geográfico, através da sua evolução e de suas bases científicas; procuramos estudar as bases do ensino da Geografia, por meio do aluno, do conhecimento geográfico e do seu ensino propriamente dito e, através de uma análise retrospectiva buscamos conhecer o ensino da Geografia no Brasil, em geral, e no Estado de São Paulo, em particular.

Estas considerações nos levaram a uma investigação sobre a situação atual do ensino da Geografia, em escolas de grau médio, de algumas cidades paulistas, e nos forneceram elementos nos quais baseamos as sugestões que nesta parte de nosso estudo nos propomos fazer a respeito do ensino da Geografia, tanto para o curso primário, como para o curso médio.

I - SUGESTÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA NO CURSO PRIMÁRIO

O ensino da Geografia no curso primário, além dos objetivos comuns a todas as áreas de estudo da escola elementar, visa primordialmente à aquisição por parte dos alunos de conhecimento das características geográficas principais da localidade, da região e do país onde residem, o desenvolvimento do vocabulário geográfico e a iniciação à linguagem cartográfica.

Para que esses propósitos sejam alcançados é necessário, que as noções de Geografia estejam integradas com as noções de História e de Ciências. Nessa faixa de idade a Geografia não deverá ser ensinada como assunto separado, pois as crianças não possuem ainda a capacidade de distinguir a diferença entre os fatos geográficos e aqueles que não são geográficos. Por outro lado, sendo a Geografia uma ciência de síntese, e que busca explicar a relação entre os fatos físicos e humanos, e essa relação é complexa e heterogênea, as crianças, no curso primário, não são capazes de estabelecer senão as relações primárias e simples dos fatos geográficos.

A contribuição mais original da Geografia, nas escolas primárias, é orientar e desenvolver na criança a habilidade de ob

servação da natureza e das atividades humanas, procurando compreender as relações primárias do homem com o meio em que êle vive. Assim, a Geografia orientando a observação da paisagem, propiciará temas para a linguagem escrita, para as leituras e também para a aritmética.

Surge, então, a pergunta o que ensinar para as crianças nas escolas primárias?

No manual da UNESCO (1965), de acordo com Pinchemel, no curso primário devem ser ensinadas as noções geográficas básicas, tais como orientação, movimentos da Terra, observação do meio. A orientação deve ser desenvolvida no sentido de dar aos alunos a noção de direção e localização dos fatos da natureza e humanos, procurando fazer com que as crianças observem a marcha aparente do Sol e a variação da direção da sombra projetada pelos objetos, durante o período de um dia e durante todo o ano. Também, deve-se procurar, através da orientação, levar os alunos à noção de distância e à noção de espaço geográfico. Os movimentos da Terra seriam ensinados através da observação de suas conseqüências, tais como a alternância e duração do dia e da noite e as mudanças observadas nos aspectos geográficos da paisagem.

Além dessas noções geográficas fundamentais, os alunos deverão aprender alguns fatos básicos. Esses fatos tanto devem ser naturais como humanos. Dos fatos naturais, a criança deve adquirir a noção de temperatura, para perceber a diferença entre frio e quente, a noção de umidade e aridez, as diferenças entre os tipos de vegetação, as florestas, os campos e os desertos, as correntes de água e seus diferentes débitos e direções, o ciclo da água na natureza, os aspectos diferentes do solo, das rochas, devendo ser feitas as relações primárias entre êsses fatos. O professor procurará levar o aluno a relacionar o clima com a vegetação, com os rios, com a desagregação das rochas, assim por diante.

E quanto aos fatos humanos, de preferência aqueles que revelam a atuação do homem na natureza, as estradas e caminhos, os movimentos e distribuição da população, as cidades, os campos de cultivo e de criação. Pinchemel (op. cit.), sugere para o ensino dos aspectos geográficos humanos as semelhanças entre os homens, tais como a necessidade básica para todos de alimentação, habitação, trabalho, diversão, trocas e atividades culturais. E quanto às diferenças entre os homens, o uso de roupas, tipos de comida, de moradia, língua, crenças e principalmente das técnicas por êles empregadas em suas atividades.

O estudo dos fatos naturais e humanos, será feito através da observação direta e indireta. Na observação direta a técnica didática mais comumente usada é a excursão. Essa excursão deve iniciar de um ponto que ofereça às crianças, uma visão panorâmica da paisagem, possibilitando a formação da idéia de conjunto, para depois estudar os detalhes, dando, assim, a oportunidade aos alunos para coletarem amostras de rochas, plantas, insetos, etc. Além das excursões, as visitas e os levantamentos urbanos e rurais, também podem ser usados como meios para desenvolver a observação direta nas crianças.

A observação da paisagem que rodeia a criança deverá ser iniciada desde o 1º ano. A princípio, se limitará a ocorrências e fenômenos simples e gradativamente irá sendo enriquecida em detalhes mais complexos e heterogêneos. Portanto, a criança iniciará a observação do espaço local, isto é, a sala de aula, a escola e suas vizinhanças, o trajeto entre o lar e a escola, em seus passeios, etc. A relação entre os fatos observados na localidade será o meio de levar o aluno a relacionar posteriormente o espaço local com o espaço terrestre, através do planisfério e do globo, onde serão localizados esses fatos em relação aos continentes e aos oceanos. As observações devem ser registradas pelas crianças desde o 2º ano, para serem comparadas com as dos anos seguintes e principalmente para que as crianças percebam o ritmo anual dos fatos naturais e das atividades humanas a eles relacionadas. No 4º ano, os alunos de posse desses dados poderão estabelecer correlações e constatar as relações simples entre esses fatos observados.

Na observação indireta, os recursos didáticos utilizados são as fotografias dos aspectos naturais e humanos da paisagem, os recortes e artigos de jornais e revistas e as projeções fixas e móveis. A confecção de gráficos de dados coletados, pelos alunos, na comunidade é de grande valor no ensino das noções e dos fatos geográficos.

A outra pergunta que se segue ao o que ensinar é o como ensinar? Já nos referimos às técnicas e recursos que podem ser utilizados no ensino da Geografia. Agora, vamos tratar de como abordar os assuntos geográficos. As noções de Geografia a serem ministradas no curso primário podem ser estudadas através da abordagem sistemática e da abordagem regional. No primeiro caso serão tratados os aspectos gerais da Geografia, enquanto que no segundo os aspectos regionais, dando ênfase especial ao estudo do Brasil. As noções podem ser estudadas concomitantemente, a

través da dupla abordagem, ou então inicialmente dando as bases gerais, e depois, estudando as noções num determinado espaço territorial.

Essas sugestões sobre o ensino da Geografia, no curso primário, devem ser encaradas de acordo com o nível psicológico dos alunos, procurando-se através de técnicas e recursos didáticos adequar os assuntos, para que esteja de acordo com o interesse e a necessidade das crianças.

Os alunos ao terminarem o curso primário devem conhecer as principais características da sua localidade e da sua região e conhecerem basicamente a localização e os aspectos geográficos mais importantes do seu país. Devem, também, dominar um vocabulário de termos geográficos básicos. É mais importante, devem os alunos serem capazes de saber e ter interesse de observar a paisagem e o mundo que os rodeia.

Ao saírem da escola primária e ingressarem no curso médio, os alunos irão iniciar de uma maneira formal o estudo da Geografia e a base que devem levar é principalmente, de orientação, localização e observação. Com essas habilidades, sobre essa base, os professores das escolas médias poderão orientar os alunos na compreensão dos fatos geográficos, na aquisição do conhecimento geográfico e, mais ainda, no despertar o interesse pela natureza e pelo trabalho do homem no mundo.

Gostariamos de chamar a atenção para o fato de que a Geografia é ensinada ainda em nossas escolas primárias como corografia, isto é, a descrição e enumeração dos acidentes geográficos, exigindo, portanto, a decoreação exaustiva e desinteressante de nomes de "serras", rios, cidades, cabos, ilhas, oceanos, estradas, etc. É preciso que as autoridades educacionais, responsáveis pelos programas das escolas primárias, intensifiquem a divulgação do conceito moderno da Geografia e do papel importante por ela desempenhado na vida moderna. É necessário, também, que haja uma atualização do conhecimento geográfico básico, por parte dos professores primários, para que assim tomem contacto com as possibilidades que o ensino da Geografia pode oferecer na formação cultural e cívica dos seus alunos.

No planejamento do conteúdo geográfico, que deverá ser ministrado no curso primário, devemos não nos esquecer que a nossa população estudantil, em sua maioria não continua os seus estudos médios. Portanto, é imprescindível que a Geografia possa dar a sua contribuição inestimável no desenvolvimento da personalidade dos brasileiros de amanhã.

O valor educativo da Geografia está implícito nos fins da educação propostos pela Lei nº 4.024, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em seu art. 1º especifica entre outras finalidades da educação "o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional", "o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum" e "o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio". Mas apesar disso, nas indicações do Conselho Federal de Educação, para a organização dos currículos do ensino médio, a Geografia que foi considerada como disciplina obrigatória, deverá ser ensinada no máximo em cinco séries, e o que se observa, em geral, é o seu ensino em quatro séries apenas.

Assim, diante dessa situação, desejamos fazer sugestões ao ensino da Geografia nas escolas médias, para que essa disciplina possa dar a sua contribuição à educação nacional.

O ensino da Geografia, no curso médio, se prende às seguintes condições: objetivos gerais da escola, número de aulas semanais, a distribuição por série dos assuntos geográficos, a possibilidade de organizar aulas para trabalhos práticos e de campo e de entrosar a Geografia com as demais matérias curriculares. UNESCO (op.cit.)

Analisando-se essas condições, verificamos que na organização do ensino da Geografia deve ser previsto pela direção do estabelecimento, ou pela coordenação, um horário que possibilite trabalhos práticos, tais como confecção de cartogramas, de gráficos, pesquisa bibliográfica, leituras de cartas, organização e coleta de dados e outros, pelos alunos. Para isso, sugerimos a divisão das classes para esse tipo de trabalho, o que virá acarretar uma diminuição do número de alunos, podendo assim o professor dar maior atenção à classe e orientar com mais eficiência o êxito o seu curso. Essa medida foi por nós observada em ginásios estaduais da Guanabara, ao entrarmos em contato com as atividades docentes do Prof. Maurício Silva Santos, professor-secundário de Geografia, nesse Estado. Constatamos que, enquanto metade da classe se dedicava às atividades práticas de Geografia, a outra parte realizava atividades práticas de outra disciplina. Para as aulas teóricas, nas quais o professor fará a sistematização do conhecimento adquirido nas aulas práticas, não importa o

número de alunos. Concordamos que a organização do horário em que essa distribuição de aulas é prevista vem sanar um dos graves problemas que os professores de Geografia, que desejam transmitir o conhecimento geográfico de maneira a atender os interesses e as necessidades dos alunos, encontram em classes numerosas. No planejamento do horário deve, também, ser prevista a possibilidade de organização de trabalhos de campo, pois como salientamos anteriormente, a observação direta da paisagem constitui um dos recursos indispensáveis no estudo da Geografia. É preciso, portanto, que a escola considere em seus planos de trabalho, para o ensino da Geografia, a possibilidade de organizar excursões de longo e pequeno percurso, de visitar museus, indústrias, cidades vizinhas, etc., para que a observação direta possa ser desenvolvida de maneira satisfatória, nos adolescentes.

Quanto à possibilidade de entrosamento entre as diversas matérias, os professores e a coordenação devem fazer um planejamento geral, no qual a Geografia seja articulada entre as várias séries e principalmente com as demais disciplinas curriculares. Para que os objetivos do ensino da Geografia possam ser atingidos, tal planejamento deverá apresentar diretrizes gerais para todos os professores do estabelecimento que ministram aulas de Geografia. É na execução desse plano, que cada professor dará a sua própria contribuição.

Essas condições devem ser consideradas por todos os professores que pretendam ensinar Geografia com eficiência.

Quanto à presença da Geografia no currículo do curso médio, sugerimos que ela seja ensinada como matéria curricular em todas as séries do primeiro ciclo das escolas secundárias, comercial, industrial e agrícola. Esta nossa proposição se baseia no valor da Geografia, na formação intelectual do adolescente e no desenvolvimento de suas habilidades, pois o papel desempenhado pela Geografia num currículo escolar não pode ser substituído por nenhuma outra matéria, nem é conveniente a sua inclusão em Estudos Sociais, porque limitaria a sua contribuição.

Como já foi visto anteriormente, a abordagem da Geografia, no curso primário deverá ser feita através do estudo das noções e fatos geográficos de maneira informal, enquanto que no primeiro ciclo a abordagem será formal e pré-científica, para no segundo ciclo ser uma abordagem científica do conhecimento geográfico. UNESCO (op. cit.)

No primeiro ciclo, o conhecimento geográfico a ser trans

mitido deve ser o essencial para o uso prático na vida do indivíduo e do cidadão, pois muitos alunos não prosseguem seus estudos. Assim, ao término desse ciclo, os alunos devem ter adquirido um conhecimento da área em que vivem, com as suas características naturais e humanas, do seu país e da sua posição em relação com o mundo, e ter uma base geral da localização e principais características dos continentes e da utilização e organização do espaço terrestre pelo homem.

Para a elaboração de programas para este primeiro ciclo, partimos do pressuposto que a Geografia deve ser ensinada nas quatro séries ginasiais, num total de duas aulas semanais.

Quanto à distribuição da matéria, pelas diversas séries, sugerimos que:

Para a primeira série ginasial, a Geografia Geral será ensinada, através de estudos locais de maneira formal, iniciando-se com uma unidade em que se apresenta a Geografia como matéria de estudo, tentando-se dar aos alunos uma idéia geral de seu objeto, campo e método.

Em uma segunda unidade, o assunto tratado seria a orientação, com a finalidade de proporcionar bases para a localização dos fatos geográficos. Desnecessário dizer da utilidade do uso de atlas, para o estudo de orientação e localização, que serão iniciados nesta fase. Também, se dará início à leitura de cartas, com ênfase no estudo de escalas, projeções, interpretação de legendas, etc. O aspecto primordial desta unidade serão os exercícios, tanto na sala de aula, como tarefas para serem executadas em casa, pelos alunos. O professor deve recorrer às demais matérias, que poderão fornecer subsídios para suas explicações cartográficas, que por sua vez serão de utilidade para as outras disciplinas.

A terceira unidade será constituída pelo estudo da cidade na qual a escola se localiza. Esta unidade deve ser introduzida por uma visão geral dos aspectos geográficos da cidade, através da observação direta e indireta com projeção de "slides" da cidade. O estudo de detalhes urbanos seriam feitos por levantamentos de alguns quarteirões do bairro, onde residem os alunos, para observação dos tipos e funções dos edifícios, tipo de rua, calçada, calçadas, iluminação, etc. Com a observação desses pontos, o professor dará início ao estudo propriamente da cidade, isto é, sítio e morfologia urbana, localização. Quando tratar da população, estudará a distribuição, composição, crescimento, levando os alunos à conclusão das atividades exercidas por essa po

pulação na cidade. As atividades industriais e comerciais podem ser estudadas através de visitas e inquéritos.

Esta unidade deverá levar o aluno à formação do conceito de cidade, através do estudo da sua cidade, levando-o a generalizar as características para as demais cidades.

O assunto da quarta unidade será o Município. Inicialmente o professor poderá fornecer aos alunos cópias do contorno do município com a principal ferrovia e rodovia, com o rio principal e alguns afluentes, e os municípios limítrofes. Nesse mapa os alunos colocarão os pontos cardeais e colaterais e deduzirão assim os limites do seu Município, a direção dos rios, da ferrovia e da rodovia. Uma vez tendo sido apresentado o município com suas características gerais, poderá ser iniciado o estudo dos principais aspectos climáticos da área. O professor, desde o início do ano, solicitará aos alunos a observação do tempo, com registro de dados. Isto levará à formação do conceito da variação do tempo durante o ano e da sucessão das estações, o que irá caracterizar o clima da região a que pertence o município. Esta idéia do clima será generalizada quando o aluno for capaz de entender o conhecimento adquirido às outras regiões e capaz de comparar o clima estudado com o de outros lugares visitados ou observados indiretamente. Ao estudo do clima, pode-se seguir o estudo dos principais aspectos geomorfológicos do município e da sua rede de drenagem e das formações vegetais mais típicas da área. Os alunos utilizarão mapas-mudo do município para a localização desses aspectos geográficos. Após o quadro físico, será estudado o quadro humano, através das atividades econômicas, agrícolas e pastoris, em relação aos aspectos físicos. Para encerrar esta unidade, deverá ser feita uma análise da interrelação das atividades urbanas e rurais, para que os alunos tenham a visão de conjunto da interdependência da vida no campo e na cidade.

Portanto, através do estudo da cidade e do Município, os estudantes tiveram oportunidade de entrar em contacto com os fatos geográficos que compõem a paisagem local. Assim, a sua atenção e o seu interesse foram orientados para a sua localidade e através dela foram fornecidas as noções básicas da Geografia Geral, tanto Física como Humana. Neste contacto real com os fatos geográficos, os alunos têm oportunidade de trabalhar com o que já conhecem e, assim será fácil ao professor sistematizar o conhecimento geográfico.

Na unidade seguinte será estudado o Estado, no qual o Município se localiza. O professor tanto poderá iniciar o estudo

pelas bases físicas, como pelas humanas, sempre que as relações entre elas sejam estabelecidas. O uso de mapas-mudo para as localizações, fornecerá aos alunos oportunidade de conhecerem os limites, a rede hidrográfica, as linhas gerais do relevo, distribuição do clima, rede de circulação, relações do interior com a capital e porto de escoamento das riquezas do Estado, etc. Esta unidade virá reforçar e ampliar o conhecimento geográfico adquirido nas unidades anteriores.

Para finalizar este curso da primeira série, o professor poderá dar uma visão panorâmica do Brasil, através de gravuras ou projeções de "slides" nos quais os alunos poderão observar as semelhanças e diferenças entre a paisagem conhecida e as demais paisagens que compõem este país.

As técnicas e recursos que serão empregados estarão na dependência das possibilidades do Estabelecimento e da imaginação e improvisação do professor e de seus alunos.

Com este programa para a primeira série, visamos principalmente fornecer as bases do estudo da ciência geográfica, de maneira acessível e atraente aos alunos, procurando assim atender o seu desenvolvimento psicológico.

Para a segunda série, será ensinada a Geografia Geral, com aplicação no globo, seguindo o mesmo processo do primeiro ano, mas com visão de conjunto do mundo.

A primeira unidade será a ampliação do estudo da orientação. Para isso serão utilizadas cópias de mapas-mundi com contorno dos continentes e com os principais paralelos e o meridiano inicial. Nesse mapa os alunos colocarão os pontos cardeais, os nomes dos hemisférios, dos continentes e dos oceanos.

A segunda unidade terá por objetivo a formação da idéia de conjunto dos aspectos naturais do planeta, através da composição dos quadros físicos gerais do globo. Assim, será estudada a distribuição das linhas gerais do relevo, do clima e da vegetação. Como temos observado em nossos contactos com o curso médio, os adolescentes encontram dificuldade para formar a noção de conjunto do mundo e principalmente das relações entre esses fatos físicos. As atividades cartográficas serão sistematizadas nas aulas teóricas.

Nesta unidade o professor deve utilizar o contraste, pois segundo Aebli (*op. cit.*), o ensino da Geografia deverá basear-se nos contrastes, para chamar a atenção e despertar o interesse do educando que procurará a explicação das causas dessas diferenças. Gravuras contrastantes de aspectos morfológico, climáti-

cos e de vegetação, poderão ser utilizadas pelo professor, que orientará a observação dessas paisagens, o que possibilitará ao aluno o desenvolvimento do vocabulário geográfico e a descrição científica. Entretanto, como a Geografia não se preocupa apenas com as diferenças, mas também com as semelhanças da paisagem, em nossa opinião deveriam ser também observadas gravuras que apresentem fatos semelhantes. Além disso, deveria ser salientada a presença de fatos geográficos semelhantes em localizações diferentes, bem como fatos diferentes em localizações semelhantes.

Em seguida seriam estudados os quadros humanos que constituiriam a terceira unidade do curso. Os objetivos seriam mostrar aos alunos a relação homem-Terra, através do estudo da população mundial e da utilização e organização do espaço terrestre pelo homem. No estudo da população mundial seria feita a interpretação de sua distribuição, relacionando-a com os quadros naturais estudados anteriormente. As atividades econômicas seriam estudadas através da análise dos fatos, que revelam a ação do homem na natureza, tais como a agricultura, o pastoreio, a exploração dos recursos minerais. Através do estudo sistemático das cidades e das indústrias, os alunos formarão o conceito de como vivem os homens em outros aglomerados urbanos. A vida econômica será mostrada através do que os países produzem e consomem, como fazem as trocas comerciais, quais os meios de transporte utilizados e as funções dos portos e dos centros comerciais.

A unidade final desta série será mostrar ao aluno que o mundo é um só, que há interdependência das nações, de que a Terra é o planeta em que vivemos, de que em cada região do globo o homem utiliza e organiza o espaço para melhor aproveitar as possibilidades que êle oferece, que tôdas as regiões do globo possuem problemas e que os homens em tôda a parte lutam com dificuldades diferentes, mas que não deixam de ser dificuldades.

Na terceira série ginasial, o aluno terá oportunidade de estudar a Geografia, através da abordagem regional, e será o Brasil o centro de estudos. Nas duas séries precedentes, os alunos tiveram oportunidade de adquirir as bases físicas e humanas da Geografia, através da visão da localidade em que residem e de uma visão de conjunto da Terra que habitam, para agora passarem a estudar com mais detalhes o seu país, em tôda a sua complexidade geográfica. Pelo próprio desenvolvimento psicológico, é nesta série que os alunos começam a voltar o seu interesse para a sua nação e para os seus problemas.

Assim nesta série, será apresentada uma visão geral do quadro físico, também, através de mapas-mudo do Brasil, onde se-

rão localizadas as linhas gerais do relevo, a distribuição dos climas, da vegetação, dos solos e da rede hidrográfica. Novamente, os alunos estarão aplicando o seu conhecimento de orientação e de leituras de cartas.

O quadro humano será abordado através do estudo regional. Tendo os alunos adquiridas as noções naturais básicas, tornar-se-á mais fácil a compreensão das regiões. Encaramos aqui região, no conceito de Cholley (op.cit.), como espaço humanizado. As regiões brasileiras estudadas, serão de acordo com a divisão oficial até o momento adotada pelo Conselho Nacional de Geografia: região Norte, Meio-Norte, Nordeste, Leste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. O professor não deverá entrar em detalhes, nem procurar com que os alunos adquiram um saber enciclopédico dessas regiões. O estudo poderá estar centralizado nos aspectos mais característicos da região, procurando descrever e explicar as causas e as consequências dos mesmos, tentando sempre que os alunos estabeleçam as relações entre esses aspectos.

Nesta série, deverá ser amplamente utilizado o estudo dirigido, a discussão em grupo, a investigação e o levantamento de dados, enfim a atividade do professor será mais de orientação do que de exposição. A projeção de "slides", as gravuras, o jornal mural, leitura de artigos de jornais e revistas são recursos que poderão ser utilizados para ilustração das aulas. A utilização do atlas, a confecção de gráficos de dados colotados pelos alunos, deverão ser atividades constantes nas aulas. As excursões serão mais produtivas, porque os alunos, nesta série deverão já ter as noções básicas necessárias para a compreensão da paisagem.

No final deste ano, os estudantes deverão ter formado uma visão de conjunto do Brasil, através do estudo de suas regiões.

O curso de Geografia, para a quarta série ginásial, visaria contribuir para a formação do cidadão esclarecido, consciente das possibilidades e dificuldades de nosso país e de suas relações com as demais nações do globo. Deste modo, seriam estudadas as relações econômicas, sociais, políticas e culturais do Brasil com o mundo. Os problemas brasileiros seriam focalizados numa abordagem regional e comparados com os de outras nações. Este curso se desenvolveria com a participação ativa dos alunos, por meio de discussão em grupos, da investigação e levantamentos dos problemas fornecidos por artigos de jornais e revistas, noticiários cinematográficos e de televisão.

Estas sugestões para a organização dos cursos de Geografia para o primeiro ciclo do ensino médio, têm como objetivo tentar apenas estabelecer as linhas gerais para o desenvolvimento do ensino da Geografia e, portanto, não devem ser encaradas com rigidez. Evidentemente, essas sugestões deverão ser modificadas pelo professor, na medida em que considerar necessário para um bom andamento do seu curso.

Entretanto, não concordamos com o ensino da Geografia do Brasil nas duas primeiras séries ginasiais, desde que o ensino da Geografia nessas séries deve ser pré-científico e constituído de noções básicas gerais, não podendo, portanto, visar à generalização geográfica e à aplicação regional.

De acôrdo com o Relatório e Parecer da Comissão Especial de Ensino Médio, Documenta 1 (março 1962 p.16), o Conselho Federal de Educação, refere-se à História e à Geografia "como elementos iniciadores do educando no meio em que deve viver e depois no mundo em que deve conviver. Neste sentido a Comissão encarece a necessidade, nas duas primeiras séries do ginásio de serem ministradas a História e a Geografia do Brasil, de modo que propiciem uma suficiente interpretação de seu país e um sentido de integração na civilização brasileira". Diante dessas considerações, surge a pergunta: Como indivíduos de onze a treze anos, na maior parte, serão capazes de interpretar o seu país, se não possuem as bases gerais da Geografia? Pela própria idade cronológica e psicológica, o aluno não está ainda interessado nos problemas da sua nação, pois não possui as noções básicas necessárias para definir êsses problemas. Repetimos que a Geografia é uma ciência de síntese e que procura explicar as relações do Homem com a Terra, portanto, não podemos esperar que, nas primeiras séries das escolas médias, os alunos possam fazer a síntese geográfica. Assim, nessas duas primeiras séries, os alunos adquiririam as noções básicas de Geografia Geral, para nas séries seguintes poderem estabelecer as relações humanas com o meio físico num determinado espaço territorial, que no caso seria o Brasil.

Queremos deixar claro o nosso ponto de vista que para que a Geografia possa contribuir no desenvolvimento da personalidade de nossos adolescentes, formando o homem e o cidadão é preciso que o seu ensino prossiga nas séries mais avançadas e que a Geografia Geral preceda a Regional. Quando nos referimos ao ensino da Geografia, pensamos em todos os alunos que frequentam as escolas médias e não apenas aos das escolas secundárias. Conside

ramos que a Geografia deve dar a sua contribuição indistintamente, pois o indivíduo ou o cidadão, independente de classe social, de atividade profissional, necessita dos conhecimentos geográficos para participar da vida atual.

No segundo ciclo, quando os adolescentes, pelo seu desenvolvimento psicológico estão com a atenção voltada para as causas e as conseqüências dos fatos geográficos e necessitam de formação cívica para exercerem, num futuro próximo, uma cidadania esclarecida, a Geografia pode dar a sua contribuição inestimável. Os objetivos visados seriam formar nos alunos uma atitude de solidariedade humana e de compreensão internacional para os problemas da atualidade, bem como das atividades humanas e econômicas do mundo atual. E, também, fornecer elementos necessários para a formação do conceito do país, para participarem ativamente da vida da nação.

Neste segundo ciclo, as nossas sugestões serão apresentadas para os vários tipos de escolas médias.

Na escola secundária, a Geografia seria ensinada nos cursos clássico e científico.

No primeiro ano do clássico se estudaria a Geografia Geral com ênfase na parte humana e econômica. Inicialmente, seriam tratados os aspectos naturais do globo e, em seguida, os humanos. Sobre essa base física e humana seriam organizadas as demais unidades do curso, que versariam sobre as grandes potências econômicas do mundo atual. Nesta fase do curso, seria solicitada aos alunos a leitura de artigos de jornais e revistas, de livros especializados sobre os assuntos da atualidade política e social. As grandes potências seriam focalizadas numa abordagem regional, procurando localizar os focos de atrito econômico no mundo moderno, buscando as suas causas e tentando analisá-las.

No segundo ano, do curso clássico, o ensino da Geografia versará sobre as regiões do Brasil, com ênfase nos aspectos humanos e econômicos.

Inicialmente, seria apresentado o quadro físico do Brasil, procurando fornecer uma visão geral da interrelação entre os fatos naturais, para em seguida, através da abordagem regional, serem estudados os problemas humanos e econômicos mais significativos da vida brasileira.

No curso clássico, o estudo da Geografia seria desenvolvido, através da participação dos alunos, na investigação de dados, no levantamento de problemas e pesquisa bibliográfica.

No curso científico, devido as suas finalidades, a Geografia a ser ensinada deverá ser a Geral, com ênfase nos aspectos físicos. O programa deverá ser organizado de maneira que possa fornecer subsídios às demais matérias curriculares e principalmente orientar os educandos na síntese geográfica. Ao tratar dos aspectos naturais, o professor deverá utilizar de exemplos brasileiros, salientando sempre a importância para a utilização e organização do espaço pelo homem.

Neste curso seriam desenvolvidas atividades como o trabalho de grupo, a pesquisa de dados e o levantamento e discussão de problemas, leituras de mapas, de artigos, de livros, confecção de gráficos e principalmente de trabalho de campo.

Para o curso normal, o Instituto de Geografia, da Universidade de São Paulo, elaborou um plano de curso que atende às finalidades da Geografia para a formação do professor-primário. O programa parte de uma unidade inicial que visa ao estudo da ciência geográfica através da formação do conceito de objeto, campo e método dessa ciência. Em seguida apresenta uma unidade sobre a Terra como planêta e outra sobre os continentes e os mares. A quarta unidade é sobre o Brasil, dando-se ênfase aos seus aspectos regionais. Termina, por uma unidade sobre o Estado de São Paulo, que inclui o estudo do município, do bairro e da escola.

Nos cursos agrícola e industrial, a Geografia deveria fazer parte do currículo do primeiro ano, com uma abordagem sistemática e regional da Geografia do Brasil.

Nossa posição favorável à inclusão da Geografia nesses cursos se apóia no fato de considerarmos que todos os alunos das escolas médias têm necessidade do conhecimento geográfico de seu país. Não compreendemos as razões que levaram o Conselho Federal de Educação e não indicar a Geografia como matéria curricular nessas escolas, uma vez que ela poderia dar a sua contribuição para a cultura geral de técnicos, que como futuros cidadãos precisam conhecer os problemas básicos da nação.

O curso colegial comercial já apresenta em seu currículo a Geografia Humana e Econômica do Brasil, como matéria do terceiro ano. Esse curso deve iniciar-se por uma visão geral do quadro físico, com as interações dos aspectos climáticos, morfológicos, hidrográficos e biogeográficos. A parte humana e econômica deve ser desenvolvida através de problemas, visando proporcionar o conhecimento objetivo da situação do país. Como se trata

de um curso de contabilidade, os problemas econômicos devem ser estudados em seus detalhes.

A organização do ensino da Geografia para o segundo ciclo teria, assim, por escopo a informação do conhecimento geográfico sistemático e regional, com ênfase no estudo do Brasil, e principalmente a formação de nossos adolescentes, que estão se preparando para exercer uma atividade profissional técnica ou científica na sociedade de amanhã.

Somos de parecer que a Geografia sendo incluída nos currículos do segundo ciclo, das escolas médias, viria contribuir para o desenvolvimento da personalidade dos adolescentes, de maneira a fornecer elementos básicos para a sua participação na vida do país e, principalmente, no seu conhecimento geográfico.

A Geografia irá oferecer oportunidade aos alunos de pesquisar as soluções dos problemas, de levantar situações, desenvolvendo o espírito crítico e o julgamento objetivo, enfim proporcionar a procura por esforço próprio de caminhos para o entendimento e a solidariedade entre os homens e o respeito pela transformação da natureza pelo homem.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de finalizarmos este trabalho, desejamos tecer algumas considerações sobre dois fatores, que reputamos de importância básica no ensino da Geografia: o livro didático e o professor.

Não é aconselhável que o ensino da Geografia gire em torno do livro didático, pois ele deve ser encarado como um dos auxiliares de ensino. O professor não deve basear o preparo de seus cursos única e exclusivamente no livro texto. A função do livro didático para o ensino da Geografia seria a de orientar os alunos. Assim, deveria apresentar diretrizes gerais dos aspectos a serem estudados, roteiro para as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula e no campo. Por conseguinte, esse livro deve conter material rico e variado para ilustração dos assuntos estudados, e principalmente, apresentar sugestões de exercícios, leituras complementares, dados estatísticos atualizados que propiciem confecções de gráficos. As fotografias e os cartogramas devem ser objetivos, claros e práticos, facilitando, assim a sua interpretação.

Deste modo o livro didático auxiliaria o professor, oferecendo material que propiciasse a maior compreensão dos assuntos estudados, desenvolvesse as habilidades cartográficas e servisse como meio para a avaliação.

Entretanto, tudo o que se proponha sobre recursos e técnicas didáticas, sobre distribuição da matéria, livro didático, será inútil se não encontrar interêsse e entusiasmo por parte do professor. Como Pinchenel (op. cit.) observa "o ensino da Geografia depende inteiramente do professor que a ensina".

Highet (1950) refere-se ao professor como a ponte que liga a escola ao mundo e salienta que o mestre precisa conhecer bem a sua disciplina, atualizando-se continuamente, necessita gostar e acreditar naquilo que ensina e, principalmente, deve estimular os alunos e procurar conhecer o adolescente que é a sua matéria-prima de trabalho.

Ao ensinar Geografia a função do professor não será somente a transmissão do conhecimento geográfico, mas também, o desenvolvimento das habilidades cartográficas e a formação de atitudes cívicas, nacionais e internacionais, procurando sempre orientar e despertar o interêsse dos alunos pela Terra como mora-

da do Homem.

Mas, o mais importante a nosso ver, a respeito do professor é a sua atualização constante nos assuntos geográficos, pois pouca utilidade terá o emprêgo de modernas técnicas de ensino se o conteúdo ministrado não acompanhar o progresso da Geografia. O professor pode manter-se em dia com o conhecimento geográfico através da leitura de jornais e revistas de divulgação, e principalmente as científicas, mas deverá possuir coleções de livros de geografia para seu uso pessoal, frequentar cursos de férias, assistir a conferências de geógrafos ou de outros profissionais que possam trazer contribuição à Geografia, participar das assembléias anuais de Geografia, etc. etc. Enfim, o ensino da Geografia deve ser orientado pelo professor de forma que os alunos vejam as implicações práticas do conhecimento geográfico.

Para finalizar seria conveniente relembrar que a Geografia como matéria curricular, no ensino médio, deveria iniciar-se pelo estudo geral, encaminhando-se para o regional. As noções gerais serão alcançadas através do estudo da localidade. Referindo-se ao assunto, Tulippe (op.cit.), assinala que a Geografia Local nunca deve ser um fim, mas sim um meio para se atingir os princípios da Geografia Geral. Não se deve, portanto, confundir o estudo da localidade com o estudo regional. Assim, o estudo regional do Brasil deve ser desenvolvido a partir dos conhecimentos geográficos gerais.

Os objetivos da Geografia como disciplina devem ser claramente estabelecidos. É preciso que o seu ensino apresente um interesse prático para a vida atual, através do conhecimento geográfico da localidade, do país e do mundo em que vivem os alunos e que a habilidade cartográfica seja desenvolvida. Por outro lado é necessário que a Geografia contribua para o desenvolvimento intelectual dos adolescentes, aprimorando o raciocínio, a imaginação e a observação.

Esperamos que esta nossa contribuição ao ensino da Geografia seja de utilidade para todos aquêles que se preocupam com a ciência geográfica como matéria indispensável à formação do homem moderno, e desperte o interesse das autoridades educacionais para os problemas a ela relacionados.

B I B L I O G R A F I A

EDUCAÇÃO

- 1958: AEBLI, Hans, Una Didáctica Fundada en la Psicología de Jean Piaget, Buenos Aires, Editorial Kapelusz.
- 1963: American Education Research Association, Handbook of Research on Teaching, Chicago, Rand McNally & Company.
- 1960 BARROS, Roque Spencer Maciel de, Diretrizes e Bases da Educação Nacional, São Paulo, Livraria Pioneira Editôra.
- 1961 Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Situação Social da América Latina, Rio de Janeiro, Sociedade Editôra Nacional.
- 1959 COUSINET, Roger, A Educação Nova, São Paulo, Companhia Editôra Nacional.
- 1948 CHARRIER, Ch., e OZOUF, R., Pédagogie Vécue, Nouvelle Edition, Paris, Fernan Nathan.
- 1965 DURKHEIM, Emile, Educação e Sociologia, 6ª edição, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- 1962 GAUDENZI, Josephina C.S., e OUTROS, Estudos Sociais na Escola Primária, São Paulo, Ministério de Educação e Cultura, Programa de Emergência.
- 1956 HESSEN, J., Teoria del Conocimiento, 3ª edição, Buenos Aires, Editorial Losada S.A.
- 1950 HIGHET, Gilbert, The Art of Teaching, New York, Vintage Books.
- 1965 KILPATRICK, William Heard, Educação Para Uma Civilização em Mudança, 4ª edição, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- 1940 LINDQUIST, E.F., Statistical Analysis in Educational Research, Cambridge, Houghton Mifflin Co.
- s/d LOURENÇO FILHO, M.B., Introdução ao Estudo da Escola Nova. 7ª edição refundida, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- 1959 MIALARET, Gaston, Nova Pedagogia Científica, São Paulo, Companhia Editôra Nacional.

- 1952 Ministério da Educação e Saúde, Programas do Ensino Secundário (Portaria nº 966 de 2/10/1951 e Portaria nº 1054 de 14/12/1951), Suplemento nº 1 da Revista Atualidades Pedagógicas editada pela Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- 1936 MOACYR, Primitivo, A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação No Brasil) - 1823-1853 - 1º volume, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1937 MOACYR, Primitivo, A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) - 1854-1888 - 2º volume, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1938 MOACYR, Primitivo, A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) - 1854-1889 - 3º volume, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1939 MOACYR, Primitivo, A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) - 1835 - 1889 - 2º volume - Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1961 MORANDO, Dante, Pedagogía, 2ª edición, Barcelona, Editorial Luis Miracle, S.A.
- 1960 ORTEGA Y GASSET, José, Misión de la Universidad y otros Ensayos Afines, 3ª edición, Madrid, Revista de Occidente.
- 1965 PEIXOTO, Maria Onolita, Habilidades de Estudos Sociais na Escola Primária, Rio de Janeiro, Editora Nacional de Direito.
- 1957 RENAULT, Alegar, O Sistema de Ensino Funcional, Cadernos da CAEC, nº 4, pp. 44/63, Ministério de Educação e Cultura.
- 1956 RUSSEL, Bertrand, Educação e Ordem Social, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1964 SAWREY, James M., e TELFORD, Charles W., Psicologia Educacional, Rio de Janeiro, USAID.

- 1962 SCIACCA, Michele Federico, El Problema de la Educación en la Historia del Pensamiento Filosófico y Pedagógico, 2ª edición, Barcelona, Editorial Luiz Micle, S.A.
- 1964 TRAVERS, Robert, M.W., An Introduction to Educational Research, second edition, New York, The Macmillan Co.
- 1958 WEREBE, Maria José Garcia, Levantamento do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo, Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo.
- 1966 WEREBE, Maria José Garcia, Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil, 2ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- 1961 WHITEHEAD, Alfred N., Los Fines de la Educación Y Otros Ensayos, 2ª edición, Buenos Aires, Editorial Paidós.
- 1964 WITTICH, Walter Arno, e SCHULLER, Charles Francis, Recursos Audiovisuais na Escola, 1ª edição, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura.
- 1961 WISE, John S., e NORDBERG, Robert B., Methods of Research in Education, Washington, Library of Congress.

ENSINO DA GEOGRAFIA

- 1962 ALMEIDA, H. Coelho, "Objetivos do Ensino da Geografia na Escola Secundária", Boletim Geográfico, nº167, março-abril, pp.212/219.
- 1958 Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro, "A Geografia e a Reforma do Ensino Secundário", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, maio-junho, nº 144, pp. 407/409.
- 1951 AZEVEDO, A., "Programa de Geografia para o Curso Secundário", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, agosto, nº 101, pp.555/558.
- 1956 BIARD, R., "L'interrogation de Géographie à la première partir du baccalauréat", L'Information Géographique, Paris, março-abril, nº 2, pp. 67/68.

- 1956 BIARD, R., "L'Interrogation de Géographie à la première partie du baccalauréat", L'Information Géographique, Paris, março-abril, nº 2, pp. 67/68.
- 1905 BLACHE, Vidal de La, "La Conception actuelle de l'enseignement de la Géographie", Annales de Géographie, Vol. 14, pp. 193/207.
- 1902 BRYA, James, "The importance of Geography in education", Geographical Journal, nº 19, pp. 301/313.
- 1956 BOLEU, José de O., "Técnica do Ensino das Ciências Geográficas", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, maio-junho, nº 132, pp. 284/288.
- 1958 CABRAL, Eddy F., "O Ensino da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, julho-agosto, nº 145, pp.534/554.
- s/d CADES, Como Ensinar Geografia e História no Curso Ginásial, publicado pelo Ministério de Educação e Cultura.
- 1956 GANTÃO, Carlos, M. "Programa-Tipo de Excursões Geográficas para Fins Didáticos", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, setembro-outubro, nº 134, pp.503/514.
- 1945 CARVALHO, Delgado de, "As três características do Estudo Geográfico", Boletim Geográfico, fevereiro, nº 23, pp. 1667/1669.
- 1945a CARVALHO, Delgado de, "Compêndios e Ilustrações", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, setembro, nº30, pp.817/820.
- 1945b CARVALHO, Delgado de, "O Estudo Geográfico", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, novembro, nº 32, pp. 1049/1051.
- 1955 CARVALHO, Delgado de, "Didática da Geografia" Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, março-abril, nº 125, pp. 193/197.
- 1960 CARVALHO, Eloísa, "Notas de Didática da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, maio-junho, nº 156, pp. 454/471.
- 1936 CERECEDA, J. Dantín, Cómo se Enseña la Geografía, 6ª edición, Madrid, Publicaciones de la Revista de Pedagogia.

- 1948 CHARTIER, M., "En vue de l'étude du milieu local pour les instituteurs", L'Information Géographique, Paris, nov-déc, n° 5, pp. 197/199.
- 1949 CHARTIER, M., "En vue de l'étude du milieu local", L'Information Géographique, Paris, jan-fev., n° 1, pp. 17/19.
- 1949a CHARTIER, M., "En vue de l'étude du milieu local", L'Information Géographique, Paris, juil-oct, n° 4, pp. 150.
- 1948 CHOLLEY, A., "Remarques sur Quelques Points de Vue Géographiques", L'Information Géographique, Paris, sept-oct, n° 4, pp.127/135.
- 1946 CLOZIER, R., "La Géographie et les sixièmes nouvelles", L'Information Géographique, Paris, jan-fev., n° 1, pp.27/28.
- 1946a CLOZIER, R., "Les images et l'enseignement films fixes et films animée problèmes, méthodes et réalisations", L'Information Géographique, Paris, jan-fev, n° 1, pp.29/30.
- 1946b CLOZIER, R., "Les images et l'enseignement", L'Information Géographique, Paris, mars-avril, n° 2, pp.66/67.
- 1946c CLOZIER, R., "Géographie locale: monographies communales", L'Information Géographique, Paris, mai-juin, n° 3, pp.114/118.
- 1946d CLOZIER, R., "Textes pour les monographies communales", L'Information Géographique, Paris, sept-oct, n° 4, pp. 157/159.
- 1961 CLOZIER, R., "La Pédagogie au Congrès de I.U.G.I. à Stockholm", L'Information Géographique, Paris, mai-juin, n° 3, pp.122/124.
- 1960 CONS, G.J., e HONEYBONE, R.C., Handbook for Geography Teachers, fourth edition, London, Methuen and Co., Ltd.
- 1962 CUNHA, Murillo A. da, "O planejamento no Ensino da Geografia", Boletim Geográfico, n° 169, julho-agosto, pp.422/436.

- 1944 DAGENAIS, Pierre, "Estudo do meio, base do ensino da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, setembro, nº 18, pp. 837/839.
- 1958 DELTEIL, Eugène, e MATECHAL, Paul, Comment Enseigner la Géographie Locale et Régionale, Paris, Fernand Nathan.
- 1954 DOLABELA, Elzio, "Geografia, Ensino e Pesquisa", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, setembro-outubro, nº122.
- 1964 DOTTORI, Cloves, "Planejamento no Ensino da Geografia", in Curso de Férias para Aperfeiçoamento de Professores de Geografia do Ensino Médio, IBGE.
- 1955 DRESCH, Jean "L'enseignement de la Géographie et la recherche en Union Soviétique", Annales de Géographie, vol. 64, pp. 378/386.
- 1961 EMSALEM, R., "Les nouveaux programmes de Géographie", L'Information Géographique, Paris, janeiro-fevereiro, nº 1, pp. 31.
- 1906 ENGE, Gustavo, "A concepção actual do ensino da Geografia", in Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ano V, fascículo I, nº9, março, pp. 29/36.
- 1950 FICHEUX, M.R., "Ensaio da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, maio-junho, nº 85 e 86, pp. 94/100 e pp. 229/234.
- 1950a FICHEUX, M.R., "Ensino da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, julho-agosto, nº 89/87,
- 1955 FONSECA, James Vieira da, "O Ensino da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, novembro-dezembro, nº 129, pp. 643/647.
- 1946 FRASER, Major, "L'enseignement de la Géographie au siècle de l'atome", L'Information Géographique, Paris, mai-juin, nº 3, pp. 109/111.
- 1946 GACHON, L., "Pédagogie de la Géographie pour les petite les grandes", L'Information Géographique, Paris, mars-avril, nº 2, pp. 67/72.
- 1905 GALLOIS, L., "Les programmes d'enseignement de la Géographie", Annales de Géographie, vol. 14, pp.208/221.

- 1928 GIBBS, LEVASSEUR, SLUYS y DE LA BLACHE, La enseñanza de la Geografía, Madrid, Espasa-Calpe S.A.
- 1947 HEBERT, M.B., "Note sur l'emploi des fiches de Géographie", L'Information Géographique, Paris, sept-oct, nº 4, pp.151/152.
- 1939 HERDMAN, M., "L'enseignement de la Géographie dans les écoles élémentaires anglaises", L'Information Géographique, Paris, octo-nov., nº 1, pp.14/17.
- 1959 JAMES, P.E., e JONES, C.F., "O Campo da Geografia" Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, novembro e dezembro, nº 153, pp.609/619.
- 1914 JARDIM, Renato, "A Geografia no nosso ensino" in Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ano XIII, fascículo II e III, nº 35 e 36, junho-setembro, pp. 49/58.
- 1959 KOHN, Clyde F., "Preparation for Teaching Geographic Concepts and Generalizations, in New Viewpoints in Geography, Washington, National Council for the Social Studies, twenty-ninth yearbook.
- 1958 LEITE, Dinara, Metodologia da Geografia e da História, 4ª edição, Rio de Janeiro, Conquista.
- 1958 LONGAN, Marguerite, Geographic Techniques, fourth edition Ann Arbor, Edwards Brothers Inc.
- 1954 MEYNIER, A., "Os problemas do ensino da Geografia nos estabelecimentos de segundo grau na França", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, novembro e dezembro, nº 123, pp.441/446.
- 1945 MONBEIG, Pierre, "A Geografia no Ensino Secundário" Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, maio, nº 26, pp. 163/171.
- 1954 MONBEIG, Pierre, "Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa", Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, nº 1 e 2, pp.52/73.
- 1952 OLIVEIRA, Lúcia, "Metodologia da Geografia" - Bibliografia", Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, nº 1 e 2, pp.57/59.
- 1962 PATTISON, W.D., "Geography in the High School", Annals of the Association of American Geographers, nº 3, vol. 52, september, pp.280/284.

- 1956 PRADO, Eugênia D.V., "Didática da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, julho-agosto, nº 133, pp.392/394.
- s/d PROENÇA, A.F., Como se ensina Geografia, São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- 1960 REEDER, Edwin, H., "O Espírito do Ensino Moderno da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, dezembro, nº 93, pp.1111/1115.
- 1957 SANTOS, Maurício Silva, "Como encarar o ensino da Geografia do Brasil no 3º ano ginásial", Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, nº 3 e 4, pp.35/33.
- 1965 SANTOS, Maurício Silva, "Didática Especial de Geografia", in Curso de Férias para Aperfeiçoamento de Professores de Geografia do Ensino Médio, IBGE.
- 1952 Scottish Education Department, Geography in Secondary Schools, Edinburgh, Her Majesty's Stationery Office.
- 1942/45 SCHMITT, M., "La promenade géographique dans la grande ville", L'Information Géographique, Paris, avril (1942) à juin (1945) nº 3 e 4.
- 1946 STERNBERG, H. O'Reilly, "As listas de fatos a observar nos trabalhos geográficos de campo", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, julho, nº 40, pp.456/465.
- 1965 THRALLS, Zoe, A., O Ensino da Geografia, Porto Alegre, Editora Globo.
- 1954 TULIPPE, Omer, Méthodologie de la Géographie, deuxième édition, Liège, Sciences et Lettres.
- 1952 UNESCO, L'enseignement de la Géographie - Petit Guide à l'usage des Maîtres (publication de l'Unesco), Paris, ("Vers la Compréhension Internationale", nºx)
- 1965 UNESCO, Source Book for Geography Teaching, London, Longmans/Unesco.
- 1944 VALLAUX, Camille, "A Geografia", Boletim Geográfico, nov., nº 20, pp.1164/1165.
- 1961 WEISS, Arthur Bernardes, "Didática da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, março-abril, nº161, pp.238/257.

- 1962 WETTSTEIN, German, La Geografia como Docencia, Montevideo, Editorial El Siglo Ilustrado.
- 1959 WHIPPLE, Gertrude, "Geography in the Elementary Social Studies Program: Concepts, Generalizations, and Skills to be Developed", in New Viewpoints in Geography, Washington, National Council for the Social Studies, Twenty-ninth yearbook.
- 1941 ZARUR, Jorge, "A Geografia no Curso Secundário" in Revista Brasileira de Geografia, Ano III, nº 2, abril-junho, pp.227/269.

GEOGRAFIA

- 1954 AZEVEDO, A., "A Geografia em São Paulo e sua Evolução" Boletim Paulista de Geografia, nº 16, março, pp.54/65
- 1965 AZEVEDO, A., O Mundo Antigo, expansão geográfica e evolução da Geografia, coleção Buriti, nº 9, São Paulo, DESA e Editora da Universidade de São Paulo.
- 1944 BACKHEUSER, Everardo, "Os Fatos Fundamentais da Geografia", Boletim Geográfico, nº 16, julho, pp.399/403.
- 1913 BLACHE, P.Vidal de La, "Des caractères distinctifs de la Géographie", Annales de Géographie, vol.22, pp. 289/299.
- 1951 BOWMANN, I., "Interpretação Geográfica", Revista Brasileira de Geografia, nº 1, janeiro-março, pp.91/101.
- 1951 CHOLLEY, André, La Géographie (Guide de l'Étudiant), 2^e édition, Paris, Presses Universitaires de France.
- 1949 CLOZIER, René, Les Étapes de la Géographie, 2^e édition, Paris, "Que sais-je?", Presses Universitaires de France.
- 1960 CLOZIER, René, Histoire de la Géographie, 3^e édition, Paris, "Que sais-je?", Presses Universitaires de France.

- 1961 DAUS, Federico, A., Que és la Geografía, Buenos Aires, Editorial Columba.
- 1912 DAVIS, W.M., "L'Esprit explicatif dans la Géographie Moderne", Annales de Géographie, vol. 21, pp.1/19.
- 1957 DEBENHAM, Frank, The Use of Geography, London, The English Universities Presse Limited.
- 1950 DE MARTONNE, E., Traité de Géographie Physique, Première partie, notions générales, chapitre premier, huitième édition, Paris, Librairie Armand Colin.
- 1957 ESPINHEIRA, Ariosto, "Geografia: Evolução da Geografia e seu conceito atual, objetivos da disciplina", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, março-abril, nº 137, pp.195/210.
- 1944 FLEURE, H.J., "Geographical Thought in the changing world", The Geographical Review, nº4, vol.34, pp. 517/528.
- 1919 PENNEMAN, Nevin M., "The circumference of Geography" American Geographers, vol. IX, pp.3/11.
- 1964 GEORGE, Pierre, GUGLIELMO, R., KAYSER, B. e LACOSTE U., La Géographie Active, Paris, Presses Universitaires de France.
- 1948 GOUROU, Pierre, "A Geografia e as civilizações. Os princípios do método geográfico", Revista Brasileira de Geografia, abril-junho, ano X, pp.295/300.
- 1954 GUERRA, A.T., "Evolução, definições, objeto e divisões da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, Janeiro-Fevereiro, nº 118, pp. 63/74.
- 1958 HARTSHORNE, R., "The concept of Geography as a Science of Space from Kand and Humboldt to Hettner", American Geographers, nº 2, vol. 48, junho, pp.97/108.
- 1962 HARTSHORNE, Richard, Perspective on the Nature of Geography, 3rd printing, Chicago, Rand MacNally & Co.
- 1959 JAMES, Preston, E., "The Hard Core of Geography", in New Viewpoints in Geography, Washington, National Council for the Social Studies, twenty-ninth year - book.

- 1958 KENDALL, Henry M., GLENDINNING, Robert H., e MAC FADDEN, Clifford H., Introduction to Geography, second edition, New York, Harcourt, Brace and Company.
- 1942 KRETSCHMER, Konrad, Historia de la Geografia, 3ª edición Barcelona, Editorial Labor S.A.
- 1961 LOWENTHAL, David, "Geography", experience and imagination, towards a geographical epistemology", American Geographers, nº 3, vol. 51, pp. 241/260.
- 1961 LUKERMANN, F., "The concept of location in classical Geography", American Geographers, nº 2, vol.51, pp. 194/210.
- 1895 MACKINDER, H.J., "Modern Geography, German and English", Geographical Journal, nº 6, pp.367/379.
- 1898 MARKLAN, C.R., "The field of Geography", Geographical Journal, nº 111, pp. 1/15.
- 1946 MONBELIG, Pierre, "A Geografia de nossos dias é ao mesmo tempo científica e viva", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, fevereiro, nº 35, pp.1425/1426.
- 1949 NEIVA, Artur H., "Análise sumária do moderno conceito de Geografia", Boletim Geográfico, nº 81, dezembro, pp. 987/994.
- 1945 PEREIRA, José Veríssimo da Costa, "A propósito da Evolução, Conceito e Método da Geografia", Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, janeiro, nº 22, pp.1477/1481.
- 1953 PRADO, JÚNIOR, Caio, "Aires de Casal', o Pai da Geografia Brasileira e sua Corografia Brasílica", in Evolução Política do Brasil e Outros Estudos, São Paulo, Editora Brasiliense Ltda.
- 1943 RUELLAN, Francis, "As normas da elaboração e da redação de um trabalho Geográfico", Revista Brasileira de Geografia, nº 4, outubro-dezembro, ano V, pp. 559/572.
- 1943 SANCHEZ, Eng.Pedro C., "A evolução da Geografia", Boletim Geográfico, nº 5, agosto, pp.32/46.
- 1946 STERNBERG, Hilgard O'Reilly, Contribuição ao Estudo da Geografia, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde - Serviço de Documentação.

- 1957 TATHAM, G., "Geography en Nineteenth Century" in Geography in the Twentieth Century, 3rd edition, London, Methuen.
- 1957 TAYLOR, Griffith, "Introduction: The Scope of the Volume" in Geography in the Twentieth Century, 3rd edition, London, Methuen.
- 1906 WARTON, W.J.H., "The field of Geography and some of its problems", Geographical Journal, nº 26, pp. 429/444.
- 1954 WHITTLESEY, Derwent, "The Regional Concept and the Regional Method", in American Geography - Inventory & Prospect, Association of American Geographers, Syracuse, Syracuse University Press, pp. 19/68.
- 1951 WOOLDRIDGE, S.W., e EAST, W.Gordon, The Spirit and Purpose of Geography, London, Hutchinson's University Library.
- 1956 WOOLDRIDGE, S.W., The Geographer as Scientist, London, Thomas Nelson and Sons Ltd.

LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

- 1896 AMARAL, Tancredo do, Geografia Elementar, 4ª edição, São Paulo e Rio de Janeiro, Alves e Cia.
- 1907 AMARAL, Tancredo do, Geografia Elementar, 10ª edição, São Paulo, Livraria Francisco Alves.
- s/d ANTUNES, Celso, Geografia Geral, Série Ginásial, vol. III, 9ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1964 ANTUNES, Celso, Geografia do Brasil, Série Ginásial, vol. I, 4ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1964a ANTUNES, Celso, Geografia do Brasil, Série Ginásial, vol. II, 5ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A
- 1934 AZEVEDO, Aroldo de, Geografia Humana, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

- 1941 AZEVEDO, Arolão de, Geografia (4ª série), 11ª edição, Companhia Editora Nacional.
- 1947 AZEVEDO, Arolão de, Geografia Física (1ª série), São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1949 AZEVEDO, Arolão de, Geografia Regional (2ª série) curso colegial, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1950 AZEVEDO, Arolão de, Geografia Humana do Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1963 AZEVEDO, Arolão de, Terra Bandeirante, vol. II, 37ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1963a AZEVEDO, Arolão de, O Brasil e o Mundo, Curso Médio, vol. IV, 175ª edição, Companhia Editora Nacional.
- 1962 BELLAGAMBA, Any, Noções de Geografia, Edição especial de "O Tico Tico", 1º caderno, junho, Rio de Janeiro.
- 1962a BELLAGAMBA, Any, Noções de Geografia, Edição especial de "O Tico Tico", 2º caderno, junho, Rio de Janeiro.
- 1917 BITTENCOURT, Dr. Feliciano Pinheiro, Compêndio de Corografia do Brasil, 6ª edição, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, Francisco Alves.
- 1925 CABRAL, Mário V. da Veiga, A Europa actual, Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos - Editor.
- 1932 CABRAL, Mário da Veiga, Licções de Cosmographia, Rio de Janeiro, Livraria Jacintho - Editora.
- 1936 CABRAL, Mário da Veiga, Quinto Ano de Geografia, 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Jacinto.
- 1947 CABRAL, Mário da Veiga, Corografia do Brasil, 28ª edição, Rio de Janeiro, Editora A Noite.
- 1955 CABRAL, Mário da Veiga, Geografia do Brasil, 4ª série, 6ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- s/d CARVALHO, C.M. Delgado de, Geografia Elementar, 5ª edição, São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo.

- 1943 CARVALHO, Delgado de, Geografia do Brasil, 3ª série, 3ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1943a CARVALHO, Delgado de, Geografia Regional do Brasil, 4ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 1944 CARVALHO, Delgado de, Geografia Regional do Brasil, 5ª edição, Companhia Editora Nacional.
- 1945 CARVALHO, Delgado de, A Excursão Geográfica (Guia do Professor), Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia.
- s/d CASTRO, Julierme de Abreu, Geografia para a Escola Moderna, São Paulo, Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, vol. I.
- 1840 COUTINHO, Luiz Gonçalves, Compêndio de Geografia, Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1944 DURAN, M.Gutierrez, Geografia Geral (2ª série), 1ª edição, São Paulo, Edições e Publicações Brasil.
- 1912 F.I.C., aumentada e refundida por Dr. Eugênio de Barros Raja Gabaglia, Terra Ilustrada, Rio de Janeiro e Paris, Livraria Garnier.
- 1921 FREIRE, Olavo, Geographia Geral, America, Europa, Asia, Africa, Oceania, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- 1906 FREITAS, Affonso A.de, Geographia do Estado de São Paulo, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas.
- s/d GEIKIE, A.; Geographia Physica, 2ª edição, 1º volume, Rio de Janeiro, Lemmert & Cia., Editores Proprietários.
- s/d GICOVATE, Moisés, Geografia Comercial, Curso Comercial Básico, 4ª edição, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- 1944 GICOVATE, Moisés, Geografia Geral, 4ª edição, Melhoramentos.
- 1901 LACERDA, Dr. Joaquim Maria de, Curso Metódico de Geografia, 9ª edição, Rio de Janeiro, H.Garnier.

- 1937 LENZ, Luiz Gonzaga, Geografia, (3ª série), São Paulo, Saraiva.
- 1939 LENZ, Luiz Gonzaga, Geografia, (4ª série), São Paulo, Saraiva.
- 1946 LENZ, Luiz Gonzaga, Geografia Física e Humana (1ª série), 2ª edição, São Paulo, Saraiva.
- 1933 MARTINS, A. de Rezende, Geografia Elementar, 21º milheiro, São Paulo, Livraria Francisco Alves.
- 1941 MATTOSO, Antonio G., Compêndio de Geografia Econômica, 3ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- 1912 NOVASS, Dr. Carlos de, Geographia Especial ou Chorographia do Brasil, Rio de Janeiro, Francisco Alves & Cia.
- 1923 PAUWELS, Pe. Geraldo, Apontamentos de Cosmografia, Porto Alegre, Tipografia do Centro.
- 1923a PAUWELS, Pe. Geraldo, Apontamentos de Corografia, Porto Alegre, Tipografia do Centro.
- 1930 PAUWELS, Pe. Geraldo, Apontamentos de Geografia, 4ª edição, Porto Alegre, Redação d'O Echo.
- 1898 REIS, Antonio Alexandre Borges dos, Chorographia e História do Brasil, Bahia, Litho-Tip. Wilcke, Picard S.C.
- 1905 SAID ALI, M., Compendio de Geographia Elementar, Rio de Janeiro, São Paulo, Laemmert & Cia., Livreiros Ed.
- 1922 SCROSOPPI, Horácio, Lições de Chorographia do Brasil, São Paulo, Casa Duprat.
- 1937 SOUZA, Alcindo Muniz de, e OMEGHA, Nelson, Geografia (1ª série), Saraiva e Cia.
- 1957 SOUZA, Geraldo Sampaio de, e SOUZA, Armando José Sampaio de, Geografia Geral, Curso Comercial Básico, 1ª série, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1960 STEPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia Geral, Curso Ginásial, 2ª série, 18ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.

- 1960a STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia do Brasil, Curso Ginásial, 3ª série, 5ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1960b STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia do Brasil, Curso Ginásial, 4ª série, 5ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1964 STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia do Brasil, Curso Ginásial, vol. II, 9ª edição, São Paulo, Editora do Brasil, S/A.
- 1964a STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia Geral, Curso Ginásial, 4ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1966 STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia do Brasil, 1º volume, 44ª edição, Editora do Brasil S/A.
- 1966a STEMPNIEWSKI, Renato, e PICCOLO, Eli, Geografia Geral, 10ª edição, São Paulo, Editora do Brasil S/A.
- 1911 WHITE, Emerson E., A Arte de Ensinar, cap. XXI, São Paulo, Siqueira, Nagel S.Comp.
- 1929 XAVIER, Lindolpho, Geographia Commercial, Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, Editor.